

AZULEJOS
CONDE DE ARNOSO
Com prefácio de Eça de Queiroz

Edição de

Alexandra Magalhães
Ana Margarida Fernandes
Ana Vanessa Fernandes
Bruna Silva

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2017
1

ÍNDICE

Nota Editorial

- **Sobre o escritor**
- **O livro fonte e a edição**
- **Processo de reedição**
- **Normas de transcrição**
- **Referências Bibliográficas**

Prefácio

O Segredo da Minha Cadeirinha

O Folar do snr. Abbade

Pomba entre Milhafres

Historia d'uma Renda

Aromas Campezinós

A Confidencia da Avó

Quadro Incompleto

O Derradeiro Susto de Mimi

A Guitarra do Braz

NOTA EDITORIAL

Sobre o escritor

Bernardo Pinheiro Correia de Melo, primeiro conde de Arnoso, nasceu em Guimarães a 27 de maio de 1855. Filho do segundo matrimónio do primeiro visconde de Pindela, João Machado Pinheiro Correia de Melo, morreu a 21 de maio de 1911, no solar de Pindela, situado no concelho de Vila Nova de Famalicão.

Foi fidalgo da Casa Real, capitão do estado-maior de engenharia, cavaleiro da Ordem de N. Sr.^a da Conceição, comendador de Isabel a Católica, de Espanha, cavaleiro da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro, de Itália, oficial às ordens do rei D. Carlos e seu secretário particular, a quem dedicou a maior amizade e fidelidade.

Após o regicídio, defendeu, na Câmara dos Pares, a colocação de uma lápide no Terreiro do Paço, em honra de D. Carlos. Por estes debates intensos, ficou conhecido como o “Conde da Lápide”. Não foi, contudo, bem-sucedido nas suas intenções. O conjunto dos seus discursos na Câmara dos Pares foi reunido sob o título *Justiça!* Usou o pseudónimo literário Bernardo Pindela até ser agraciado com o título de Conde de Arnoso, por decreto de 28 de setembro de 1895.

Colaborou em diversos jornais, escreveu contos, peças de teatro e relatos de viagem. *Azulejos* foi o primeiro livro que publicou. Em parceria com o poeta Conde de Sabugosa, escreveu *De Braço Dado*, publicado em 1894. O livro *Jornadas pelo Mundo*, publicado em 1895, reúne as suas notas da viagem a Pequim. Em 1902, surgiu *O Suave Milagre*, em colaboração com o senhor Alberto de Oliveira. *A Primeira*

Nuvem, uma comédia em um ato, foi representada no Teatro da República.

O Conde de Arnoso foi também membro do grupo denominado Os Vencidos da Vida, tal como Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Conde de Sabugosa, Marquês de Soveral e Conde de Ficalho.

Depressa ficou um grande admirador e amigo de Queirós, baseando *O Suave Milagre* num conto do escritor, a quem pediu também o prefácio de *Azulejos*.

Numa carta entre ele e Eça de Queirós, fica clara a relação de amizade próxima entre ambos:

«Nesse momento passava o Rei com Bernardo no assento de diante, todo coberto de agulhetas de ouro. Não me via: O Rei chamou-lhe a atenção para mim; Bernardo volta-se, tem um baque no coração, e quase cai da carruagem abaixo, com

os braços estendidos para mim, quebrando a etiqueta e fazendo um escândalo público! Sorriso complacente de S. M. Pasma dos cidadãos! à noite recebi um telegrama da Ajuda em que Bernardo, «sem se moderar», começava por me mandar «um beijo para cada bochecha». O telegrama tinha-me o ar de ter sido redigido em Conselho de Estado. Bom e lindo Bernardo! »

A obra que agora reeditamos foi publicada pela Portugal Brasil Lda Sociedade Editora. Apesar de não ter indicação nem da data nem do número da edição, o prefácio escrito por Eça de Queirós data de 12 de junho de 1886. Apresenta vários quadros de um Portugal antigo, captados pela visão única do Conde do Arnoso, que, além de um legado de obras literárias, deixou um testemunho de amigo fidelíssimo.

O livro-fonte e a edição

O livro, pertencente a uma biblioteca particular, tem o tamanho de 18,5 cm por 12 cm, e 228 páginas em papel amarelado, organizadas em cadernos de seis páginas, cosidos uns aos outros.

A capa, de papel, mostra desenhos de azulejos nos quais se enquadra o título do livro a vermelho com a indicação: «com prefácio de Eça de Queiroz». Ali figuram também o nome da editora e o local da edição, Lisboa.

A etiqueta cortada que se encontra na parte de trás da capa permite perceber que o livro esteve à venda na livraria Bertrand. Na página seguinte, figura apenas o título: Azulejos.

Na página de rosto figura o nome do autor, destaca-se o título do livro e acrescenta-se a frase

“com um prefacio de Eça de Queiroz”. Um carimbo exhibe a seguinte informação:

“Lisboa
PORTUGAL- BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 - Rua Garrett - 60
RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES”

Ainda nesta página, encontramos um nome manuscrito – Maria Isilda Isaac Moraes, que terá sido uma anterior proprietária.

Existe um exemplar deste livro na Biblioteca do Seixal, três exemplares no Depósito Geral 1 das Bibliotecas de Lisboa, um exemplar na Biblioteca-Museu República e Resistência e, em março de 2016, existia um exemplar à venda na Livraria Manuel Ferreira.

Processo de reedição

O livro-fonte foi transcrito, sem recurso a *software* de leitura automática. A primeira transcrição foi ainda sujeita a diversas revisões para assegurar o rigor da presente reedição.

Normas de transcrição

Do livro-fonte conservaram-se

– todas as características ortográficas do livro-fonte, incluindo a alternância entre maiúsculas e minúsculas e a acentuação, bem como os tamanhos de letra relativos do corpo do texto, de títulos e subtítulos;

– a prática de iniciar cada conto numa página nova;

– todas as gralhas e incoerências (p.e.: «mandrinha» em vez de «madrinha»; «faia» e «toureiro», grafadas por vezes em itálico e outras não; aparece «céo» uma vez; aparece «criança» uma vez; «há» aparece com acento por duas vezes, «avo» surge com e sem acento e uma vez aparece «agoa» em vez de «agua»);

– o recurso ao negrito e itálico;

– o tipo de aspas;

– todos os separadores gráficos e títulos correntes.

Não se conservaram

– a numeração das páginas;

– as páginas em branco;

– as páginas de guarda;

– o lugar de mudança de página;

– os espaços irregulares entre palavras e sinais de pontuação;

- a mancha gráfica;
- as informações sobre o lugar de impressão do livro-fonte;
- o sistema de marcar segmentos entre aspas (uma aspa no início de cada linha), que foi substituído pelo atual.

Referências bibliográficas

QUADROS, Maria de Fátima Batista, *Quadros: Sua Alma e sua Gente nos Caminhos da História*, Rio de Janeiro, Editora Frutos, 2008.

MOURÃO, Alda, GOMES, Ângela de Castro, *A Experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014

QUEIRÓS, Eça de, *Eça de Queirós entre os seus: Cartas Íntimas*, Lisboa, Editorial Caminho, 2012

PREFACIO

Meu caro Bernardo

Nos tempos em que Voltaire, já depois de *Candide*, mesmo já depois da *Pucelle*, se contentava com cem leitores – tempos que nos devem parecer bem incultos, n'este anno da Graça e de voraz leitura em que o *Petit-Journal* tira oitocentos mil numeros, e *Germinal* é traduzido em sete linguas para que o bemdigam sete povos – esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escriptores com um cerimonia e uma adulação, que se usavam sómente para com os Principes de

PREFACIO

Sangue e as Favoritas. Em verdade o Leitor d'então, «o amigo Leitor», pertencia sempre aos altos corpos do Estado: o alfabeto ainda se não tinha democratizado: quasi apenas sabiam lêr as Academias, alguns da Nobreza, os Parlamentos, e Frederico rei da Prussia: e naturalmente o homem de lettras, mesmo quando não fosse um poeta parasita do melancolico typo de Nicolau Tolentino, ao entrar em relações com esse Leitor de grandes maneiras, emplumado, vestido talvez d'arminho, empregava todas as fórmãs e todas as graças do respeito, e punha sempre, genuinos ou fingidos, os punhos de rendas do mr. de Buffon.

Mas esta cortezia em que havia emoção provinha sobretudo de que o Escriptor, ha cem annos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, amiga da Eloquencia e da

PREFACIO

Tragedia, que occupava os seus ocios luxuosos a lêr, e que se chamava «o Leitor»: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama «o Publico».

Esta expressão, «a Leitura», ha cem annos, suggeria logo a imagem d'uma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Seneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janella aberta sobre os aromas d'um jardim: e n'este retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha *o seu livro*, n'um recolhimento quasi amoroso. A idéa de leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando paginas á pressa no rumor d'uma praça.

Ora quando este Leitor, douto, agudo, amavel, bem empoado, intimo das edades classicas, recebia o Escriptor na sua solidão lettrada – o

PREFACIO

Escriptor necessitava apresentar-se com reverencia, e *modestement courbé*, como recommenda Beaumarchais. É um homem culto, que vae a casa d'outro homem culto – e esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa.

Nem o philosopho que vem submettre um systema, nem o poeta laureado no «Mercurio Galante» que traz a sua óde, nem Chenier com as suas tragedias, nem Massillon com os seus sermões, nem os rigidos, nem os ligeiros, nenhum por mais illustre irrompia bruscamente na attenção do Leitor, sem espera e sem mesura, como se entra n'um pateo publico. Tinha d'haver uma apresentação condigna, solemne, copiosa; e isso passava-se n'esse pedaço de prosa em typo largo, com citações latinas, que se chamava o *Prefacio*.

PREFACIO

Ahi o author *modestement courbé*, deante do Leitor acolhedor e risonho, fallava com prolixidade de si, das suas intenções, da sua obra, da sua saude; dizia-lhe doçuras, chamava-lhe *pio, perspicaz, benevolo*: justificava os seus methodos, citava as suas authoridades: se era novo, mostrava córando a sua inexperiencia em botão: se era velho, despedia-se do Leitor á maneira de Boileau, n'uma pompa triste, como na borda d'um tumulo. Trocadas estas cortezias não se entrava logo seccamente nas idéas ou nos factos: se o livro era de versos, o Poeta, tendo o Leitor ao seu lado, balançava o incensador e fazia uma invocação aos Deuses como nos degraus d'um sanctuario; se era Tratado de Moral ou Historia, havia no limiar do capitolo I, para que os Escriptor e Leitor repousassem, um portico de Considerações Geraes, dispostas com symetria á

PREFACIO

maneira de columnas de puro marmore, onde se enrolavam em festões, flores de lingoagem, viçosas ou meio-murchas. Depois o Author ia levando o Leitor pela mão atravez da sua obra como atravez d'um jardim que se mostra, percorrendo com gosto as aleas mais enfeitadas d'erudição, parando por vezes a conversar docemente á sombra d'um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espiritual. O Leitor possuia no homem de letras um companheiro de solidão, d'um encanto sempre renovado. O Author encontrava no Leitor uma attenção demorada, fiel, crente: como Philosopho tinha n'elle um discipulo, como Poeta um confidente.

Depois, n'uma manhã de julho, tomou-se a Bastilha. Tudo se revolveu: e mil novidades

PREFACIO

violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a Democracia: fez-se a iluminação a gaz: assomou a instrucção gratuita e obrigatoria: installaram-se as machinas Marinoni que imprimem cem mil journaes por hora: vieram os Clubs, o Romantismo, a Politica, a Liberdade, e a Phototypia. Tudo se começou a fazer por meio de vapor e de rodas dentadas – e para as grandes massas. Essa cousa tão maravilhosa, d’um mecanismo tão delicado, chamada o *individuo* desapareceu; e começaram a mover-se as multidões, governadas por um instincto, por um interesse ou por um enthusiamo. Foi então que se sumiu o Leitor, o antigo Leitor discipulo e confidente, sentado longe dos ruidos incultos sob o claro busto de Minerva, o Leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longos, loquazes

PREFACIO

Proemios: e em logar d'elle o homem de lettras vio deante de si a turba que se chama o *Publico*, que lê alto e á pressa no rumor das ruas.

As maneiras do Escriptor para com estes cem mil cidadãos que estendiam tumultuosamente a mão para o livro – não podiam ser selectas e polidas, como as que tinha para com o Leitor classico que lhe abria, sorrindo e já attento, a porta da sua intimidade erudita. Para descer á praça do Publico não eram necessarios os punhos de renda de mr. de Buffon, como para penetrar na livraria do Leitor amigo – onde o Escriptor ia encontrar Cicero e Aristoteles vestidos de marroquim e ouro.

Immediatamente deixou d'haver essa amavel e conversadora apresentação que se chamava o *Proemio*: nunca mais o homem de lettras desfiou ao Leitor os seus motivos para discorrer ou cantar,

PREFACIO

pedindo-lhe com humildade um logar na estante. Agora, finda a obra, o Escriptor, ainda suado e com o jaquetão de trabalho, atira-a para a rua brutalmente. A obra já não é a sabia composição, feita pelos dictames das Artes Poeticas, para ser agasalhada e encadernada por Mecenas. Idéa ou Imagem deve ser cousa viva – e como tal se arremessa ao remoinho da Vida, para ir rolar com ella, sob o pleno sol.

Assim se tornou inutil a caricia aduladora com que no antigo Regimen se attrahia, se prendia o Leitor. Já não se conversa intimamente com elle, caminhando ao seu lado, atravez de paginas galantes ou solemnes. O historiador, o romancista, que hoje interrompesse o correr das suas deducções, para dar um geito aos punhos com rendas e dizer: «Nota tu, leitor amigo...», seria

PREFACIO

considerado um intoleravel caturra das idades caducas. O Leitor deixou de ser uma pessoa a quem se falla isoladamente e com o tricornio na mão: e o Escriptor tornou-se tão impessoal como elle. Não são individualidades cultas communicando; são duas substancias diffusas que se penetram, como a luz quando atravessa o ar.

Todavia ainda hoje ha Escriptores que, seduzidos pela graça nobre das maneiras classicas, quando procuram o Publico com um livro amorosamente trabalhado, querem por n'esse encontro as fórmãs apparatusas da etiqueta d'outr'ora. São aquelles sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas com o Leitor dos velhos tempos – que já não usa decerto espadim, nem cita finamente Horacio sacudindo o rapé dos bofes de rendas, mas

PREFACIO

possue todas as finuras novas do novo gosto, e agasalha e encaderna os Estylistas, os Parnasianos, os Femininos, os Coppée, os Daudet, os Verlaine, com o carinho religioso com que os Mecenas da epocha de Boileau encadernavam e reliam Tacito e Catullo.

Tu és d'esses: a grossa turba assusta-te um pouco, com a sua desatenção ruidosa: e confias sobretudo n'esse Leitor perfeito, amador raro das lindas flores modernas de Phantasia e de Estylo. Mas sabes como elle ama as praxes graciosas que ennobreciam a vida antes da tomada da Bastilha: e nem por um logar no Ceu, entre S.to Hilario e S.to Hilarião, tu o querias offender, irrompendo bruscamente e democraticamente na sua atenção preciosa. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com elle, que lhe diga, seguindo as

PREFACIO

boas tradicções dos saudosos Proemios, *modestement courbé* – «Leitor pio, benevolo e amigo, aqui te apresento...». E sou eu que tu escolhes para esta gentil cerimonia, perfumada d'archaismo, entre os teus amigos «simples fazedores livros», como dizia altivamente o velho Carlyle.

Eu aqui estou, amigo. Mas receio que te succeda como áquelle Cavalleiro de Ballada, de que eu li a historia n'um velho in-folio hespanhol, onde ella apparecia, conceituosa e florida, para illustrar *los peligros de las malas compañías*. Este moço heroico e candido resolvera por um d'esses motivos de crença, de guerra ou d'amor, que eram os unicos que então dirigiam as acções humanas, ir offertar a sua grande espada a uma Nossa Senhora, cuja clara ermidinha n'um pendor de serra, entre

PREFACIO

murmuroso arvoredos, era como uma fonte espiritual d'onde perennemente corriam os misericordiosos milagres.

Tinha este poetico moço um amigo, que, n'esses ardentes tempos de Santa Thereza, de S João da Cruz e *de la Caballeria a lo divino*, era secretamente, sob a sua cota de malha, um atheo – como se ja lêsse todas as noites no seu alcaçar, á luz radical do petroline, o *Rappel* e o *Intransigent!* Como este incredulo, chapeado de ferro, conhecia bem os trilhos da montanha, quiz o devotissimo cavalleiro que elle o acompanhasse na sua bucolica romagem. E mal suspeitava o ingenuo heroe, que, enquanto elle subia, com um alvoroço piedoso, esses caminhos um pouco ingremes como os da Fé, o seu camarada ia ao lado lamentado amargamente que uma tão bella espada, de golpe

PREFACIO

tão forte, de tão bella linhagem, forjada em Toledo por mestre Francisco Roiz, nata d'espadeiros, ficasse d'ahi por diante a enferrujar-se aos pés d'uma Senhora – que era apenas um tosco pedaço de madeira, com dous olhos de vidro, e um pouco de setim por cima bordado de lantejoulas... E sabes o que succedeu? Que apenas o Cavalleiro, de joelhos e murmurando a *Ave Reyna de Gracia*, collocou junto á Imagem a lamina purissima – a imagem baixou severamente os olhos, e repelliu a espada com o pé justiceiro e doce que ao mesmo tempo esmaga a Serpente e acaricia a Terra. A folha d'aço estreme de mestre Francisco Roiz fez-se em pedaços negros, da côr do tição, que é a côr do Demonio: e sobre a selva, cheia de gorgeios e aromas, espalhou-se uma escuridão – como se a luz que a dourava se tivesse recolhido toda sob as

PREFACIO

pestanas cerradas da Senhora offendida! Ai de mim, porque não escolhera o beato moço, para seu companheiro, algum padre intimo do Ceu, ou um escudeiro lealdoso e bom resador do seu rosario? A Imagem era hespanhola, portanto impressionavel; e vendo o Cavalleiro e a sua espada escoltados por um sceptico, que orgulhosamente pensava que não haveria Santos se não houvessem Santeiros, logo inconsideradamente se regulou pelo adagio que é d'Hespanha e d'outras terras – *Dime con quien irás te dirè lo que pensaràs!*

Esta hitoria, como todas aquellas em que apparecem santos e cavalleiros, encerra profunda lição. E não receias tu, amigo, que, á similhaça d'aquella Senhora hespanhola, os espiritos timidos, para quem escreveste tão

PREFACIO

acariciadoramente os teus *Azulejos*, baixem os olhos e regeitem o livro gracioso, ao ver que o vem acompanhando por estes brejos da publicidade um Infiel, um Renegado do Idealismo, um servente da Rude Verdade, um d'esses illegiveis, de gostos suinos, que tossam gulosamente no lixo social, que se chamam «Naturalistas» e que teem a alcunha de «Realistas?» *Dime con quien irás, hijo mio, te dirè lo que pensaràs.* Não receias que te julguem tambem um «Realista»?

Não temes que o teu livro, flor de Literatura, casta d'aroma e de côr, seja tratado como um d'esses fructos podres que ama o Naturalismo? Fructos medonhos que teem depravado o paladar das multidões, a um ponto que só elles appetecem e só elles se vendem, e já ninguem vae feirar aos

PREFACIO

gigos onde a vermelham os frescos morangos acabados de colher no morangal do Romantismo!

Ah! se a nossa amada Lisboa, velha creada de abbade que se arrebeca á francesa, tivesse já comprehendido o que, n'este anno da Graça de 86, já largamente comprehendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua caturrice – que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ella é na *sua* realidade e não como tu a poderias idear na *tua* imaginação – seria honrar o teu livro supeital-o de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa – obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as fórmãs da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida, e não n'esse monturo molle, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho

PREFACIO

de rhetorica, que ainda atravanca um canto da Arte, e onde se vê ainda por vezes, brotar uma florsinha triste e melada que pende e que cheira mofo.

Mas como tu sabes, amigo, n'esta Capital do nosso Reino permanece a opinião, cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre lettrados, que Naturalismo, ou, como a Capital diz, Realismo – *é grosseria e sujidade!* Não tens tu reparado que quando um jornalista, copiando no seu jornal com penna habil a Parte de Policia, que é o *roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferio palavras immundas, nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche de justo orgulho – *discipulo de Zola?* Não tens notado que nos Periodicos, quando se quer definir uma maneira especial de ser torpe, se emprega esta expressão consagrada – *á Zolá?* Não tens tu visto

PREFACIO

que, ao descrever um caso sordido ou bestial, o homem de Gazeta accrescenta sempre, com desdem grandioso: «para contar bem como tudo se passou precisavamos saber manejar a penna de Zola?». Assim é, assim é. Estranha maravilha da Asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para symbolisar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e immundo! Isto passa-se numa terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa – mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome!

Meu Deus, sejamos justos! Tambem em França, em Inglaterra, ha quinze annos, houve a mesma opinião sobre o Naturalismo: tambem gritaram *grosseria*, *sujidade*, os nescios e os malignos, ao apparecerem essa vivas, rijas, fecundas, resplandecentes creações do *Assommoir*

PREFACIO

e de *Nana*. Sómente em França, em Inglaterra, bem depressa os nescios comprehenderam (como já muito bem tinham comprehendido os malignos) que se não tratava d'uma literatura expressamente libertina, filha de Boccacio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vicio e fazendo dinheiro com elle – como parallelamente o snr. Ulbach e outros pudicos peores procuram judiciosamente accumular pecunia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Collegios de meninas: mas que se estava em presença d'uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquerito a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporanea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua santa missão de verdade, occultar detalhe nenhum por mais torpe, como, na sua scientifica necessidade de exactidão,

PREFACIO

um livro de Physiologia não póde omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre Arte não julga dever mutilar a Realidade ou falseal-a, compromettendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer córar as meninas – as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castissimo e idealissimo Feuillet, conhecedor perfeito dos costumes da Virgindade, quando estão juntas, todas de branco, n’um canto de sala, teem conversas *qui feraient rougir un singe*, que fariam córar um macaco! E em verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é desde Plinio considerado como a mais impudente e mais obscena das creaturas que sahiram das mãos inexgotaveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o comprehenderá. Para ella Naturalismo é cousa suja

PREFACIO

– e cousa suja ficará. Desde que nós, portuguezes, laboriosamente conseguimos arranjar uma idéa dentro do craneo – a nossa preguiça intellectual, o nosso desleixo, este fundo de desdenhosa indiferença que todos os meridionaes teem pelas idéas e pelas mulheres, impede-nos de lhe mexer, de a tirar do seu canto, onde ella fica ganhando bolor em tranquillidade e para sempre. Em Litteratura, em Costumes, em Politica e no Fabrico do chinello de ourello, nós estamos vivendo e estamos morrendo d'este obtuso, viscoso afferro ao vago das primeiras impressões. Seria inutil ir explicar, em berros, por uma tuba de bronze, aos ouvidos da nossa suave Lisboa, acocorada á beira do Tejo a vêr correr a agoa – o que significa Naturalismo. Depois de estoirmos o peito a bramar-lhe que elle não se filia no Marquez de

PREFACIO

Sade, que não é *grosseria, nem sujudade*, e que vem d'Homero, atravez de Shakspeare e de Moliere, a deleitosa Cidade, leiga ou letrada, desviaria da corrente o olho lento, e murmuraria com aquella voz pachorrenta e bonachã que é tão sua: – «O Naturalismo? Está fallando do Naturalismo? Bem sei, é grosseria e sujudade...»

Assim ella é, docemente cabeçuda. O que não impede que se arremesse com voracidade sobre todas essas *Nanas*, esses *Pot-Bouilles*, brochados d'amarello, que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os biscoitos inoffensivos que os mestres lhes cozinham com a pura farinha do Idealismo. Não lhes péga! Quer lôdo, o lôdo, que ella condemna nas salas, decotada e austera.

PREFACIO

De tal sorte que assistimos a esta cousa pavorosa. Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas represas, besuntam-se tambem de lôdo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignadamente nos arguiram de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante pé enlabusar-se com a nossa lama! Depois erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas letras este letreiro - *romance realista* -, parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarrada: - «Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós...Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimo sujos!»

PREFACIO

Todavia ha ainda n'esta terra espiritos escrupulosos e timidos que, considerando ingenuamente os livros naturalistas como immundicies in-8.º, os repellem com um desdem que é pueril e sincero, comico, mas honroso. E para esses se torna necessario ir já gritando pela serra acima – que o teu livro, apesar de acompanhado por um d'esses esgaravadores de Verdades que fossam nos monturos humanos, longe de ser um dos fructos podres que ama o Naturalismo é uma flor bem viçosa, bem graciosa, bem aromatica! Mas preciso tambem dizer aos espiritos mais numerosos, e superiores, que detestam flores de papel – que o Naturalismo acceita a tua flor como sua, por ser natural, forte de seiva, com seguras raizes no solo da Natureza.

PREFACIO

Tu pozeste ao livro amavel o nome de *Azulejos* – nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Elle exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos, que offerecem cada um o desenho vivo e curto d’um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. De certo te foi suggerido por esses revestimentos d’azulejos que tanto alindam as paredes de conventos, de velhas vivendas de campo, e onde se vêem, dentro d’uma bordadura ingenua de folhagens d’acantho, n’um debuxo azul e nitido, scenas concisas da vida activa – uma caçada com lanças, uma comitiva de fidalgos viajando, barcos á vela descendo um rio, frades em recreio sob as arvores d’uma cerca... Assim, tu traças nos teus *Azulejos* breves esboços da Vida interior e affectiva: é aqui a historia discreta d’uma paixão

PREFACIO

romanesca, d'essas que encheram de lagrimas o começo do seculo, no tempo dos brazões, dos mosteiros e das xacaras; e a ternura singela e absoluta d'uma pobre costureira, rosa meio-murcha d'agua-furtada, que o primeiro sopro da realidade inclemente faz tombar de todo esfolhada: é uma devoção de pae, religiosa e simples, toda perfumada d'essas crenças d'aldeia, que são fumo, como o fumo das lareiras, mas como elle revelam o descanso, a paz intima, a alma aconchegada e contente na sua fé: é a *Guitarra do Braz*, gemendo pelas tabernas a sentimentalidade doentia e viciosa dos bairros de fabricas...E todos estes quadros são *azulejos*, verdadeiramente tratados á maneira dos *azulejos* de louça n'um corredor de mosteiro: não ha n'elles nada de duro, d'opaco, de empastado: são faceis e limpidos: teem a precisão fina e

PREFACIO

graciosa d'um contorno azul sobre um fundo branco.

E o que me agrada no teu livro é esta maneira fugitiva, alada, acariciadora, de pintar as cousas em *azul e branco*. Revelas-te assim um delicado. Sem te ser estranha a essencia da Vida e da Realidade, não parece estar no teu gosto, no teu temperamento talvez, ir revolve-la até ao amago com a curiosidade aspera da paixão. A tua penna roça simplesmente os contornos da Natureza, marcando-os com um traço macio e tenue. Não escava para baixo, onde está a hulha e o ouro. Compreendes bem a utilidade e a belleza de descer até ás sombrias entranhas da Vida, a surprehender a palpitação que tudo determina; mas achas, com razão, mais attractivos em ficar á

PREFACIO

superficie onde os jasmins florescem e cantam os melros.

O filho mais moço do desleixado Augias, que era tambem um artista em faiança, foi o unico a dar o vinho da boa acolhida e applaudir Hercules, quando elle chegou para limpar as pavorosas cavallariças do rei seu pae. Mas apenas o sereno heroe, pondo a um canto a sua clava, partiu a affrontar as seculares immundicies, o filho d'Augias refugiou-se na mais alta torre onde não podesse perceber o sobrehumano trabalho d'Alcides, nem sentisse os cheiros que d'elle se iam exhalar: e ahi, graciosamente, começou a pintar n'um vaso uma cavallariça, mas toda de jaspe e d'ouro onde estavam presos, fulvos e côr d'aurora, os quatro cavallos de Phebo. Assim tu, comprehendendo a grandesa magnanima de quem

PREFACIO

remexe lodos e detritos para purificar o ar d'um Reino, achas todavia mais doce ficar a espalhar cores n'um vaso, vendo brilhar por entre os esteios da vinha, o azul do mar da Hellenia. Bem fazes tu! Colhes apenas a flor das cousas que póde ser roxa e melancolica ou amarella e festiva, mas é sempre uma flor; em quanto nós nos dobramos a analysar scientificamente as raizes que são negras, que são feias, e veem sujas da terra rude em que mergulham e sugam.

Para fixar esses bocados de Vida real entrevistos e presentidos tens uma fórmula excellente, toda de naturalidade e de transparencia. Falta-te de certo esse relevo crespo, intensamente lavrado, que em França tanto surpehede e agrada modernamente, e onde se trahe o doloroso esforço do artista, n'uma ancia de originalidade, gemendo

PREFACIO

e empallidecendo sobre o seu buril. Ainda bem! Foi essa fórma franceza (de que os Goncourts lançaram a semente imprudente, e de que os Parnasianos em Prosa e Verso produziram as flores extremas, frias e brilhantes como labores de joalheria) que, desembarcada, n'um dia desastroso, d'um paquete de França, e logo macaqueada sem senso e sem gosto, originou entre nós esses estylos grotescos e insensatos que infestam toda a obra escripta da geração nova desde o relatorio até ao madrigal; estylos disparatados, picaros, relles; elles lembram a incoherencia de quem baralha palavras no tresvariar d'uma febre, e lembram a pelintrice de quem n'uma villa sertaneja, arvóra gravatas de velludo verde-gaio julgando reproduzir «os requintes de Paris»; – e assim dão o horror

PREFACIO

inesperado e arripiador d'uma cousa que é ao mesmo tempo delirante e pulha!

A tua simplicidade, Deus louvado, é fluida e correcta: e possues assim a melhor maneira na arte do Conto, com essa meia tinta, essa aguada limpida, que não empasta e deixa ver até ao fundo diaphanamente.

No Conto tudo precisa ser apontado n'um risco leve e sobrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa a personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba n'um olhar, ou n'uma d'essas palavras que escapa dos labios e traz todo o sêr; da paisagem sómente os longes, n'uma côr unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta Poetica, que é velhissima, que já vem d'Horacio. E isso fórma um encanto dos teus *Azulejos*.

PREFACIO

Mas o encanto maior, para mim, está n'essa vibrante e fina sensibilidade, meia chorosa e meia risonha, que em cada pagina palpita. Tu começas por ter uma emoção triste em presença da vida. Oh, não derramas de certo os prantos obstinados do elegiaco, nem te devasta a desolação do propheta! Bem longe d'isso! A tua é uma melancolia leve, resignada, como a póde sentir quem, tendo um temperamento *sympathico* ás dores humanas, comprehende ao mesmo tempo que ellas são a parte inilludivel, quasi necessaria, d'um mundo em que é delicioso viver. Ora esta fé mundana no encanto da vida mantem desde logo a tua emoção n'um tom justo: impede-a de cahir no *sentimentalismo* e no *sensibilismo*: e é ella que te dá essa ironia, timida e esbatida, mas bem visivel, que parallelamente a uma tristeza doce atravessa os

PREFACIO

teus contos, corrigindo o teu vago enternecimento d'apaixonado com o seu traço de finura critica.

E assim sensibilizado, vibrando sufficientemente para sentir a subtil poesia das cousas; armado d'uma ponta d'ironia para impedir que as tuas criações se te azulem de todo sob a penna, n'um impulso de piedade sentimental, e se tornem romanescas e portanto falsas – tu podeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poetica e de verdade humana. São os teus contos pois, ainda por este lado, realmente *azulejos*. A côr é azul, e portanto idealisada; mas n'essa idealisação de tom que pertence á imaginação e ao sonho – as figuras, pela exactidão do desenho, permanecem na Realidade e são seguras expressões de Vida.

PREFACIO

Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na nevoa dourada e tremula da Phantasia, satisfazendo a necessidade de Idealismo que todos temos nativamente, e ao mesmo tempo a secca curiosidade do Real que nos deram as nossas educações positivas, – parece, de resto, a maneira melhor e mais interessante para quem, como tu, nada mais quer saber nas regiões da Arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma historia, imaginada ou lembrada. Doce occupação essa, amigo, a de Contista, nos vagares d’um casto Decameron: n’ella encontrarás um prazer adoravelmente fino e perfeito. A Arte, para os que não se enclausuraram todos n’ella como nos muros d’um mosteiro, poetisa singularmente a existencia. Se ella é na intimidade uma esposa ciumenta, absorvente e devoradora – mostra-se,

PREFACIO

áquelles que apenas de longe a longe dão com ella um passeio furtivo nos velhos bosques de louro Delphico, cheia de graças e d'encanto que eleva! Pegar penosamente á rabiça d'um arado de ferro, e il-o empurrando desde a alva ao crepusculo, por uma gleba resequida e empedernida, é labor doloroso e que enche o ar de gemidos: é o labor d'um Flaubert, erguendo heroicamente palavra a palavra o seu monumento, com uma penna rebelde. Mas, n'este mesmo campo, tratar d'um canteiro de rosas, na limpidez da tarde, quando ha frescura e sombra, é cousa repousante e salutar: e o Conto é esta leve flor d'Arte que se cultiva cantando. Distracção que encerra uma educação: passar o dia, longe da Casa Havaneza e das suas pompas, aperfeiçoando uma phrase a buril, recortando uma imagem no tecido alado da Imaginação, colorindo

PREFACIO

de luz e verde um canto de paisagem – é uma alta lição de gosto que ennobrece e afina mais delicadamente todo o sêr.

E depois, amigo, a Arte oferece-nos a unica possibilidade de realizar o mais legitimo desejo da Vida – que é não ser apagada de todo pela Morte. Agora que o Espirito, tendo uma consciencia mais segura do Universo, se recusa a crer na capciosa promessa das Religiões de que elle não acabará inteiramente, e irá ainda, em regiões de azul ou de fogo, continuar a sua existencia pelo extasi ou pela dor – a unica esperança que nos resta de não morrermos absolutamente como as couves é a Fama, essa Immortalidade relativa que só dá a Arte.

PREFACIO

Só a Arte realmente póde dizer aos seus eleitos, com firmeza e certesa – «Tu não morrerás inteiramente: e mesmo amortalhado, mettido entre as taboas d'um caixão, regado d'agua benta, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça immobilizado n'ella como uma mumia nas suas ligaduras, elle terá todavia o supremo symptoma da Vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamenos e atravez das creações d'elles estará perpetuamente creando. Mesmo o teu riso d'um momento reviverá nos risos que for despertando; e as tuas lagrimas não seccarão porque farão correr outras lagrimas. Ficarás para

PREFACIO

sempre vivo, por te misturares perpetuamente á vida dos outros; e as mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão, constantemente rememorados pela curiosidade das gerações. Assim não desaparecerás nem na tua fôrma mortal: e serás d'esses Eternos Viventes, mais eternos que os Deuses, que são os contemporaneos de todas as gerações, e vão sempre marchando no meio da Humanidade que marcha, Espiritos originaes a que se accendem os outros espiritos para que se não apague o fogo perenne da Intelligencia – eguaes a essas quatro ou cinco lampadas que leva a grande Caravana da Mecca, para que a ellas se accendam lareiras e tochas, e a Caravana possa sempre marchar, orando sempre, e segura.»

PREFACIO

E esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque só ella tem a duração – e tudo o resto é nada! As Sociedades, os imperios são varridos da terra, com os seus costumes, as suas glorias, as suas riquezas; e se não passam da memoria fugidia dos homens, se ainda para elles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque d’elles ficou algum vestigio d’Arte, a columna tombada d’um palacio, ou quatro versos n’um pergaminho. As Religiões só sobrevivem pela Arte, porque só ella torna os Deuses verdadeiramente immortaes – dando-lhes fórma. A Divindade só fica absolutamente divina – quando um cinzel de genio a fixa em marmore; inspira então o grande culto intellectual, que é o unico desinteressado e o unico consciente; já nada tem a soffrer do Livre exame; entra na serena região dos Incontestaveis e só então

PREFACIO

deixa de ter atheos. O mais austero catholico é ainda pagão, como se era em Cithera, diante da Venus de Milo. E a Nossa Senhora do Ceu só tem adorações unanimes e louvores sem contestação, quando é o pincel de Murillo que a ergue sob o Orbe, loura e toucada d'estrellas.

A Arte é tudo – tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade d'um povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espiritos: foi-lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é ephemero e ouco nas Sociedades – sobre tudo o que n'ellas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os saccos d'ouro d'elles, e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos d'ellas? Onde estão as rosas

PREFACIO

de York que floriram então? Mas Shakspeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado do *Globe*, elle dependurava a lanterna que devia ser a lua, triste e amorosamente invocada, allumiando o Jardim dos Capuletos. Está vivo d'uma vida melhor, por que o seu Espirito fulge com um sereno e continuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes miserias da Carne!

Nada ha mais ruidoso, e que mais vivamente se saracoteie com um brilho de lantejoulas – do que a Politica. Por toda essa antiga Europa Real, se vêem multidões de politiquetes e de politicões, enroflados, emplumados, atordoadores, caquerejando infernalmente, de crista alta. Mas concebes tu a possibilidade que d'aqui a cinquenta annos, quando se estiverem erguendo estatuas a Zola, alguém se lembre dos Ferry, dos

PREFACIO

Clemenceau, dos Canovas, dos Brighth? Podes-me tu dizer quem eram os ministros do imperio em 1856, ha apenas trinta annos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary*? Para o saber precisas desenterrar e esgaravatar com repugnancia velhos jornaes bolorentos: e achados os nomes nunca verdadeiramente poderás differençar com nitidez o sujeito Baroche do sujeito Troplong: mas de *Madame Bovary* sabes a vida toda, e as paixões e os tedios, e a cadellinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia á quinta feira na *Hirondelle* para ir encontrar Leon a Rouen! Bismarck todo-poderoso, que é Chancellor e de ferro, d'aqui a duzentos annos será, sobre a ferrugem que o ha-de cobrir, uma d'essas figuras d'Estado que dormem nos archivos e que pertencem só á erudição historica: Papa Leão XIII,

PREFACIO

tão grande, tão presente que até as creanças lhe sabem de cór o sorriso fino, não será mais, na longa fila dos Papas, que uma vaga tiara com um numero; mas dusetos annos passarão, e mil – e o nome, a figura, a vida de certo homem que não governou nem a Allemanha nem a Christandade estará tão fresca e rebrilhante como hoje na memoria grata dos homens. Por que? Por que um dia, n’uma ilha da Mancha, ao rumor dos mares e dos ventos, elle escreveu alguns centos de versos que se chamam a *Lenda dos Seculos*.

Bem melhor que eu o diz a curta canção:

«De vingt rois que l’on encense

«Le trepas brise l’autel

«Mais Voltaire est immortel!

PREFACIO

Quer isto dizer, amigo, que os teus *Azulejos*, pelo mero facto de não serem um relatorio, hão-de viver tanto como os marmores do Parthenon? Ai de ti! ai de mim! O sol dá luz, existe assim coruscante e redondo ha centenas de seculos, e a Sciencia ainda lhe afiança longos milhares d'annos de esplendor e de gloria no alto dos ceus: mas em nossas casas os phosphoros de cera tambem pertencem á substancia que dá luz, e quando allumiam tremulamente um minuto já lhes gabamos a qualidade, reconhecidos. Os teus contos são flores de Arte, modesta e simples: contenta-te que, como flores elles durem uma manhã de verão. Feliz serás! As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço d'uma manhã» que Malherbe garante ás rosas. Não sei como é: dou-lhes a minha vida toda,

PREFACIO

e ellas nascem mortas; e quando as vejo deante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação d'alma, saia aquella cousa fria, inerte, sem voz, sem palpação, amortalhada n'uma capa de côr!

Mas emfim consolemo-nos, amigo! Póde bem suceder que um dia, mais tarde, um d'esses amadores d'antiguidades que se entretem a revolver o lixo dos tempos, encontre, n'um recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roido dos vermes, um dos nossos livros, estes teus mesmo *Azulejos* agora tão frescos e lustrosos ao sol. E, por curiosidade archeologica, póde ser que esse paciente excavador das edades sacuda a poeira ao volume caduco, o folheie aqui e além... E quem sabe? Talvez a *Guitarra do Braz*, gemendo

PREFACIO

dolentemente do fundo do passado, o entorneça um momento: talvez respire nos *Aromas Campesinos* o viço e a graça idyllica d'aldeas e varzeas sobre que já então terá rolado, niveladora e despoetisadora, uma nova machina da Civilisação... E lerá o livro todo; e o que tu pensaste fal-o-ha pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas creações perpassarão, queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espirito, por deante da sua lampada – tendo recebido no espirito d'elle uma encarnação fugitiva: e por ellas o teu sêr, disperso na substancia, estará um instante misturado a um sêr vivo, e palpitando na sua vida toda... E quem ousará dizer que isto não é uma resurreição?

Só por isso, amigo, vale a pena que te venhas juntar áquelles que, como dizia Carlyle, são

PREFACIO

«simples fazedores de livros». E se por acaso, nunca tivesse de chegar esse dia do Reviver, – ao menos em vida, achando-te entre «fazedores de livros», estarás na confraternidade d’homens que teem uma nobre occupação na existencia, uma magnifica ambição, generosidade, alegria, calor e entusiasmo. E isto não se encontra em todos os vassallos d’El-rei!

Traze pois o teu livro, uma resma de papel para fazeres outro, e toma o teu logar, seguramente e largamente, n’esta Illustre Companhia.

Bristol, 12 de junho de 1886.

EÇA DE QUEIROZ

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

A cadeirinha é de couro preto, toda ornada de metaes corádos a ouro fôsko e abertos a buril; o fôrro de setim branco, em estreitas pregas, a que os annos deram a côr doentia dos velhos relevos de marfim, é guarnecido por um galão transparente franjado de pequenas borlas e bordado de azul n'uma silva caprichosa de flôres. Construida na casa *Griffn*, de Londres, nos fins do seculo passado, é a mais bella aquisição que eu tenho feito nas minhas excursões á provincia, á cata de *bric à brac*. No sombrio palacio onde a fui descobrir, não entrava, havia muitos annos, ninguem estranho á familia da casa, redusida já então, além d'uns parentes distantes, a uma velha

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

fidalga, que passava a vida nos seus quartos e no seu oratorio, cercada pelas creadas que não eram novas no tempo em que ella era ainda formosa.

Existia uma lenda em torno d'essa pesada construcção de granito, que domina o largo em frente do convento. Quando lá estive, asseguraram-me haver muito tempo que se não viam abertas nenhuma das quinze janellas rasgadas da frontaria; sómente em cada anno, no dia da procissão do Corpo de Deus, logo de manhã cedo, dos parapeitos das grades das janellas, sempre fechadas, pendiam magnificas colchas de damasco vermelho, que á noite desapareciam como por encanto. O povo, na sua credulidade, ajunctava que nunca ninguem tinha conseguido vêr do largo, ou das casas em redor, dependurar as

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

colchas; e, porque uma vez um homem passára a noite nos degraus da frontaria do convento, com o fim de surprehender esse mysterio fôra encontrado na manhã seguinte, estendido e sem falla, como morto!

Sabia, por informações, da existencia da cadeirinha e indaguei quem na villa, me poderia dar uma carta que me introduzisse juncto da fidalga. Indicaram-me um brasileiro, que, na mesma festividade do Corpo de Deus, fazia cobrir os seus cavallos com os ricos telizes de velludo verde bordados a ouro em cujo centro destacava o brasão que se admira esculpido no frontão do palacete. Comquanto as suas relações não fossem directamente com a fidalga, mas sim com o escudeiro, acceitei a recommendação que me deu para o antigo creado da casa.

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

Bati por algum tempo ao vasto portão, e cada argolada que eu feria na chapa de ferro repercutia-se lá dentro n'um som cavo e profundo. Os raros transeuntes que passavam paravam um instante, attonitos e espantados, ao vêr que alguém se atrevia a bater áquella casa!

Passados alguns minutos a porta rangeu vagarosamente nos enferrujados gonzos, aberta pelo proprio escudeiro. Apesar do seu aspecto aprumado, não era difficil adivinhar-lhe atravez dos raros cabellos brancos e das rugas profundas que lhe sulcavam a physionomia os seus setenta e oito annos bem contados. Todo vestido de preto, com o pescoço esguio encaixado n'um lenço de seda preto tambem, enrolado n'umas poucas de voltas por cima do collarinho alto e sem gomma

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

da sua grossa camisa de linho, tinha ao mesmo tempo um ar solemne e submisso.

Informei-o do fim da minha visita; escutou-me com atenção, e, quando acabei, disse-me:

– Devo muitas obrigações ao snr. commendador, ou melhor esta casa de que hoje sou, pela força das circumstancias, uma especie de feitor. Nada posso fazer sem ordem da fidalga. Vou fallar com ella e o que lhe posso assegurar é que pela minha parte lhe direi que a cadeirinha, estando-se para ahi a estragar, o melhor é vendel-a!

Apontando-me para um dos compridos bancos de pinho pintados de azul, de altas costas recortadas e enfileirados ao longo das paredes, sahiu por uma das pequenas portas que ladeavam o grande arco de cantaria que dava ingresso á

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

escada. Subia esta n'um lanço até ao primeiro patamar, onde recebia a luz de duas janellas resguardadas d'alto a baixo por pesadas grades de ferro e separadas por um nicho aberto a meio da parede e no qual se abrigava uma estatua de lioz, de tamanho natural. Em seguida bifurcava-se a escada em dous ramos que findavam no andar nobre. No sócco da estatua lia-se em grandes lettras a palavra – Felicidade – representada pelo artista ignorado por uma figura de mulher, envolta em fartas roupagens, entornando sobre as cabeças de duas creanças, que brincavam aos seus pés, uma cornucopia de flôres. Do fecho da abobada da loja estava suspenso um enorme lampeão de latão esverdinhado pelas nodoas de azebre e com os vidros escurecidos pela poeira. No interior, no grande deposito de azeite, uma aranha urdira

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

pachorrentamente a sua teia em volta dos tres bicos, viuvos de torcida.

Quando o escudeiro appareceu deante de mim, trasendo na mão um mólho de chaves, pensava eu nos annos que teriam decorrido desde a ultima vez que se accendera aquella lampada!...

– Se a cadeirinha lhe agradar, a fidalga consente em vender-lh’a. Queira acompanhar-me.

Segui-o atravez d’um dédalo de corredores, de casas escuras, até ao extremo do palacete. Abertas de par em par as portas das janellas, vi que na espaçosa cocheira não havia senão um grande e velho churrião e a elegante cadeirinha coberta por uma colcha de chita de ramagens. Eu proprio me apressei a descobril-a, ancioso por vêr se a realidade correspondia á descripção que d’ella me tinham feito. Não me haviam enganado, e, como

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

a fidalga estava disposta a vendel-a, mais libra menos libra, seria minha. Tinha ganho o dia e dava-me por bem pago do incommodo da minha viagem. O escudeiro, sempre muito grave, levantou o tejadilho. A vista do fôrro de setim tão bem conservado fez-me o effeito da tampa d'uma appetitosa caixa d'amendoas que se tivesse aberto deante de mim! Depois, com o tejadilho ainda suspenso em alçapão, levantou o gancho do fecho e abriu a porta, dizendo-me:

– Repare bem como tudo isto está! Até parece que sahiu agora mesmo da officina. Tambem, desde que sirvo esta casa, ella não sahiu senão uma vez!...

Foi tal a expressão de profunda melancolia que se estampou no semblante, ao proferir estas ultimas palavras, que eu receioso de o vêr

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

arrependido dos seus bons officios, atalhei a conversa inquirindo do preço. Com quanto a quantia exigida não fosse excessiva, regateei um instante, contando-lhe depois na palma da mão tremula as libras ajustadas e perguntei se d'ahi a pouco podia voltar com um carpinteiro para a fazer encaixotar.

- Sim senhor. Mas sempre me ha-de dizer para que é que comprou a cadeirinha. É para alguma senhora doente?

Confirmei a supposição. Se tivesse dito a verdade, o homem, que visivelmente estava convencido de que eu tinha dado muito dinheiro, principiaria desde esse momento a desconfiar do negocio. Na provincia não se tem a menor idéa do que constitue o valor d'uma antiguidade; mas, quando o suspeitam, imaginam logo possuir uma

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

grande riqueza e não hesitam em pedir as maiores exorbitancias.

Sahi voltando uma hora mais tarde seguido por um carpinteiro que levava além da serra enfiada no braço a ceira com os pregos e o resto da ferramenta. Seguia-nos um garoto derreado pelo peso das compridas taboas de fôrro com que ia carregado.

O velho escudeiro, depois de me ter pedido licença para tirar o casaco, principiou, com o desembaraço compativel com a sua idade, a ajudar a fazer a grade. Findo o trabalho, quando o pretendi gratificar, não consentiu. Limpou as mãos a um panno, enfiou o casaco e encostou-se pensativo ao jogo do churrião, enquanto dous homens, que o garoto tinha ido chamar, levantavam do chão a pesada padeola carregada

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

com a cadeirinha e os varaes. Ao transporem a porta da cocheira, reparei que duas grossas lagrimas escorriam lentamente pelas faces cavadas do velho e que o seu olhar tinha a fixidez baça dos olhos d'um cadaver! Passados alguns minutos, como quem desperta d'um pesadello, voltou a cabeça; e, dando comigo que o fitava com visivel inquietação, sorriu com bondade desculpando-se:

– Tontices de velho! Não repare. Hoje é a cadeirinha que sahe para nunca mais voltar! Amanhã serei eu, depois a fidalga. A todos ha-de chegar a vez!...

*

* *

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

Quando cheguei a Lisboa, mandei dourar de novo os metaes das guarnições e lavar com uma mistura de cêra e agua raz o couro dos paineis. Assim restaurada, colloquei a cadeirinha no vestibulo da minha casa, no angulo da escada que sobe para o primeiro andar. Um dia, já passado algum tempo, ao mostral-a a um amigo, descobri, dissimulada nas pregas do fôrro interior da porta, uma enorme bolsa. Cheio de curiosidade metti a mão e o braço dentro d'aquella especie de sacco, e, esgaravatando lá dentro, tirei do fundo um papel amarrotado. O meu amigo sorriu-se ao ler na minha cara o meu desapontamento! Realmente tinha-me passado pela cabeça que encontraria alguma cousa curiosa. Ri-me tambem e só depois de me achar só, quando ia deitar fóra o papel que eu distrahidamente reduzira a uma bola, é que me

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

lembrei de o examinar. Desdobrei-o com cuidado, espalmando-o contra a mesa. Era uma meia folha de papel ordinario e grosso, escripta de cima a baixo sem uma entrelinha, sem uma unica interrupção. Não me foi facil a leitura. A letra, pequena e unida, parecia ter sido feita a sepia; os finos muito tenues e os grossos esbatidos confundiam-se com o tom amarellado do papel; de longe a longe manchas carregadas tornavam quasi inintelligiveis algumas palavras. Soletrando como uma creança, consegui decifrar a carta. Dizia assim:

«Não sei para que lhe escrevo! mas diz-me o coração que logo, ao entrar na igreja, na confusão d'um momento, eu lhe poderei entregar esta carta. Quero que saibas as amarissimas lagrimas que tenho chorado, e que agora me impedem de vêr as

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

palavras que vou deixando cair n'este papel. Entre a minha felicidade e a obediencia que devo a minha mãe, se hesitei, não tive forças para vencer. Sacrifico a minha ventura. Se tivesse pai, quer-me parecer que nada d'isto succederia. Casaria comsigo, seria feliz! Assim, passadas algumas horas, estarei para sempre ligada ao homem que aborreço, porque não o amo, porque só a si adoro n'este mundo! Perdôe a minha fraquesa, se fraquesa é não saber desobedecer a minha mãe. Não tive coragem para supportar a sua maldição. Perdôe-me como Deus me vae perdoar quando logo, deante do altar, eu, mentindo, repetir as palavras sacramentaes que o padre proferir! ... Nunca mais procure vêr-me. Fuja para bem longe! A sua imagem sinto-a tão gravada no meu coração, que nem a morte conseguirá arrancar-

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

m'a cá de dentro; e, se no meio de todas as amarguras que lhe possam estar reservadas na vida, o consola a ideia de que a mais desditosa das mulheres lhe consagra pelo pensamento todos os minutos da sua atribulada existencia, juro-lhe que a minha alma lhe pertence e pertencerá sempre! Adeus! ... Perdôe-me como Deus me vae perdoar! ...»

Que mais precioso achado podia eu ter feito do que esta carta que me dava o sentimento de todo um romance d'amor!

Que fôra escripta por uma infeliz, não era difficil adivinhar. Mas quem?... Quantos annos teriam passado depois das lagrimas sentidamente vertidas sobre essa pobre folha de papel e cujos vestigios o decorrer do tempo não podéra ainda apagar!?... Teria morrido, ou esquecida d'esse

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

amor e velha, rodeada de filhos, teria encontrado na felicidade d'elles a compensação da ventura que em moça lhe roubaram!?!... Ou, sonho de creança, não teria esse amor sido apenas a illusão d'um só instante, e o marido que tanto lhe repugnava não se tornaria, ao fim de curto espaço, em amante muito querido?!...

A todas estas interrogações que no meu espirito se formulavam não me sabia responder a folha de papel muda e indiscreta, confiidente d'um coração de creança! Devia ser muito nova quem assim entregava a sua alma ao caso d'um encontro tão fortuito. O que para mim não offerecia a menor sombra de duvida, recordando-me da commoção do escudeiro ao vêr sahir de casa a cadeirinha, é que a noiva tinha sido conduzida á egreja, e, que na impossibilidade de

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

entregar a carta ao seu amado, a deixara ali escondida. E estou a vê-la formosa, – porque não havia de o ser? – toda vestida de branco, coroada da flôr de laranjeira, envolta no véu nupcial, tão pallida como a lua um momento vellava por uma nuvem transparente, apertando convulsamente na mão a carta escondida pelo lenço de cambraia, descer, seguida dos convidados e entre as alas dos creados, os degraus da larga escadaria! E em frente d’ella, que sentia o coração a estalar por debaixo do corpête de setim do seu vestido de noiva, a estatua da felicidade com o seu perenne sorriso de pedra, entornando continuamente, n’uma attitude triumphante, a cornucopia das immarcessiveis flôres da ventura! ...

Desgraçada creança!

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

Como me não era possível partir imediatamente para a provincia, guardei a carta como uma reliquia, até poder cumprir o dever que a mim proprio me impuz de a entregar na mão da velha fidalga. Iria por certo amargurar os ultimos dias da sua vida, relembrando-lhe por uma fórmula tão precisa uma scena bem dolorosa, ou talvez avivar-lhe um remorso, se acaso ella tinha sido a desnaturada mãe que não soubera enxugar as lagrimas da filha!

Essa carta, porém, não me pertencia e eu tinha de a restituir. Logo que pude, fiz a minha pequena mala de viagem e segui para o norte.

Era no verão; o sol, n'uma pulverisação intensa de luz, algava de vida a melancolica paisagem do Minho, bella e monotona como o motivo d'um adagio d'uma musica classica, que a

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

breves compassos se repete. Ao voltar á hospedaria, onde um anno antes estivera, perguntei pelo commendador, que tão util me tinha sido quando pretendi comprar a cadeirinha. Responderam-me que tinha partido para o Brasil, havia dous mezes. Restava-me o escudeiro. D'esse não indagei; sabia onde havia de o encontrar. Apenas acabei o meu almoço, accendi um charuto, e sahi, a desempenhar-me da missão que ali me trouxera.

Ao chegar ao largo, inteiramente deserto áquella hora de calma, estaquei surprehendido ao vêr com escriptos as janellas da comprida fachada do palacio e a pedra d'armas do frontão amantada com um panno preto golpeado! Como a porta da egreja do convento estava aberta, ocorreu-me que

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

o sacristão me poderia dar informações que n'aquelle momento tanto desejava.

Ao entrar na egreja experimentei uma agradável sensação de bem estar. A frescura do ar que se respirava debaixo das sombrias naves desopprimia-me dos calores soffridos em toda a viagem. Quando os meus olhos se habituaram á escassa luz, coada pelos vidros coloridos da lanterna do zimbório e da rosêta do côro, descobri, ajoelhado á beira d'uma sepultura d'uma das capellas lateraes, a figura de um velho. Do logar onde estava não lhe podia vêr a cara; reparando, porém, que no fecho do arco da capella havia o escudo da familia da fidalga, adquiri a certesa de que era o escudeiro quem tão devotadamente orava pelo eterno descanso da sua ama. Se apenas escutasse os impulsos da minha ardente

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

curiosidade, teria arrancado o bom do velho ás suas orações; mas, como o não devesse fazer, encostei-me ao guarda-vento, esperando impaciente que elle findasse as suas rezas. Atrahido por uma força invencivel não despegava os olhos d'elle. Vi-o benzer-se e levantar do chão o chapéu e a forte bengala de cana da India. Apoiado a ella, ergueu-se com muito custo, caminhando depois em direcção á porta. Como estava mudo! Tinha perdido o prumo correcto, e, ao andar, já arrastava os pés. Só ao molhar a mão na pia d'agua benta é que deu commigo. Reconheceu-me logo, e, ao vêr que lhe estendia a mão, apertou-m'a com reconhecimento. Sahimos junctos da egreja. Fallei-lhe da morte da fidalga, da grande magoa que essa desgraça lhe devia ter causado. Enterneceu-se com as minhas palavras.

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

No angulo do largo formado pelo muro da cerca do convento com o muro do jardim do palacio cahia uma faixa de sombra. Tres enormes pedras, esquecidas ali, serviram-nos de banco. Uma vez sentado perguntei-lhe a quem a fidalga tinha deixado a fortuna.

– Como não tinha herdeiros deixou tudo á Misericordia da villa e a mim uma pensão enquanto vivo. Nada me falta; no dia, porém, em que tive de sahir d’aquella casa, até julguei que morria!...

Não chorava, mas, a cada instante, limpava os olhos continuamente humedecidos.

– Como nada lhe falta – atalhei – é o essencial.

Depois accrescentei:

– E eu que vinha para fallar com a fidalga!

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

– Deus lhe falle n’alma. Era por certo negocio importante. Vir de tão longe!

– Desejava entregar-lhe um papel que encontrei dentro da cadeirinha, que o anno passado lhe comprei.

– Um papel?

– Uma carta.

E, como se estivesse inteiramente ao corrente de todas as particularidades que diziam respeito ao meu achado, repeti-lhe o romance que, n’aquelle momento, mais natural se me afigurava. Ouviu-me silenciosamente; sómente, de vez em quando, abanava a cabeça; e, como na sua phisionomia transparecesse uma expressão de vaga desconfiança, tirei a carta do bolso e depois de a lêr em voz alta passei-lh’a para as mãos. Agarrou n’ella beijando-a umas poucas de vezes,

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

e, sempre sem chorar, apenas com a voz muito mais tremula exclamou:

– Ai! minha rica menina, minha rica menina!...

Reposto um pouco do abalo de tão violenta commoção, referiu-me com uma tocante sinceridade a historia fiel d’esses amores.

– A fidalga, esta que agora morreu, não tinha senão aquella filha. Linda como os anjos, era mesmo um botão de rosa quando se apaixonou pelo João do Cercal. O João não tinha eira nem beira. Era, segundo se dizia, filho natural do morgado d’Amiães. Fosse ou não fosse, o que é certo é que o pae não fazia caso d’elle. A fidalga, quando soube d’esses amores, armou uma trovoadá em casa que até parecia que ia tudo raso. A morgadinha definhava. O padre capellão

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

aventou que o melhor seria casar-a. A fidalga, Deus lhe perdôe, seguindo este conselho, ajustou-lhe o casamento com o senhor da torre de Azameis. Não tinha lá grande fama. Não faltava a uma feira e gostava de jogar. A menina, que era mesmo uma santa, casou. Que de lágrimas lhe vi chorar!

O velho escudeiro n'este momento chorava também.

– Nunca vi festa mais parecida com um enterro do que a d'esse casamento!...

No proprio dia da boda partiram para a Torre. O João, esse abalou d'aqui e foi para a Hespanha para os carlistas. Ao fim de quatro annos, a minha rica menina ficou viuva e sem filhos. Já muito doente, ralada com os desgostos que o marido lhe

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

dera, veio para a companhia da fidalga, que Deus tenha, e aqui morreu, passado pouco tempo!...

– Tambem está enterrada ali dentro – continuou apontando para a igreja. – Pobre menina! Á pobre mãe, Deus a tenha na sua santa guarda, nunca lhe sahiu esse remorso de dentro do coração!

– E o do Cercal nunca deu novas de si? Nunca ninguem o tornou a vêr? – perguntei.

O velho olhou-me fixamente, agarrou-me na mão, e, em voz baixa, em tom de confidencia, como se alguém nos podesse escutar, accrescentou:

– Ha-de haver vinte annos, muito depois da morte da menina, appareceu pela primeira vez aqui na villa um doudo a que o rapazio poz o nome de João da tropa. Não faz mal a ninguem, anda por

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

ahi vestido de soldado e todos os dias vem a este largo fazer exercicio com uma cana. Quando dá a voz de fogo é sempre contra o palacio!

Apertou-me com mais violencia a mão, e, collocando a sua bocca muito perto do meu ouvido, murmurou:

– A mim ninguem me tira da cabeça que é o do Cercal!

E, afastando-se, olhou-me fixamente para melhor descobrir o effeito da confidencia.

N’isto, do fundo do largo, elevou-se uma voz aguda e estridente, gritando:

– Ás armas!

Era o João da tropa.

Marchou em passo acelerado até defronte do palacio, onde estacou á voz de – alto! – Depois, com grandes gestos, ia executando

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

successivamente as vozes que berrava – carregar! apontar! fogo! – Vestido com uma velha fardeta de soldado, esfrangalhada e a cair aos farrapos, com uma calça remendada listrada de trapos vermelhos e com um chapéu armado de papel na cabeça, segurava na mão uma cana, trazendo outra mais pequena pendente da cinta á laia de baioneta. Com a sua comprida barba e o olhar incerto de doido, tinha um ar extranhamente phantastico!

O escudeiro chamou-o:

– Oh! João anda cá.

O doudo deixou-se ficar desconfiado; mas, a uma segunda intimação, de olhar cabisbaixo aproximou-se de nós.

– É este senhor que te quer dar uma esmola.

Dei-lhe qualquer coisa que elle agradeceu, perfilando-se militarmente, em continencia, e,

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

sem bem saber o que fazia, tirei a carta da algibeira e entreguei-lh'a.

– Lê essa carta; é para ti.

Passando desconfiado vista pela folha de papel, disse com um riso idiota:

– Não sei lêr!...

Mas, como lh'a quizesse tirar, carregou o sobr'olho, assegurando com firmeza:

– É minha!

Depois desdobrou a carta e rasgando-a até meio em pequenas tiras no sentido da menor largura fez com habilidade uma bórla; tirou da fardêta um alfinete de ferro que lhe segurava um rasgão; e, prendendo-a com elle ao bico do seu chapéu armado, carregou-o em seguida para a testa com a arrogancia d'um general vencedor. Fitando-nos ainda uma vez com um soberano

O SEGREDO DA MINHA CADEIRINHA

desdem, a passo grave e cadenceado afastou-se de nós!...

*

* *

Desde então, nunca mais voltei de noite a subir a escada que dá para o meu quarto, que não parasse um momento, parecendo-me ouvir distintamente sahir de dentro da cadeirinha um choro dolorido!

O FOLAR DO SNR. ABADE

Eram cinco horas da manhã e já o bom do abbade, um velho, gritava da janella da residencia á creada que o servia:

– Joanna, ó Joanna, enxota-me as gallinhas do campo. Olha que ficamos sem feijão para o inverno.

– Estas gallinhas são a minha perdição! Tambem não sei porque m’as não deixa levar á feira. Via-me livre d’ellas por uma vez.

– Não sabes; sei eu. Leva logo uma á Joaquina da Cancellia. Coitada! tem a rapariga doente.

– Ora, snr. abbade, com perdão, mas hoje, domingo de Paschoa, quando todos os freguezes têm de lhe dar o foliar, é que o Snr. abbade quer... ai! está tudo mudado, tudo de pernas para o ar –

O FOLAR DO SNR. ABADE

resmungava a creatura com as mãos cruzadas sobre a barriga por debaixo do avental de serguilha e, depois de olhar para a estreita janella – foste-te embora? Pois deixa estar, hei-de levar a mais magra, a pinta, a que tem gôgo.

Joanna não podia levar á paciencia a vida de abnegação do pobre e bondoso abbade. Recordava-se com saudade dos seus tres antecessores – era nova então! – principalmente do primeiro, da vidinha regalada que passava. Quando agora ia á venda, com a roca esquecida na cinta, encher d’azeite a almotolia de lata, dizia sempre depois das sacramentaes palavras – ora louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo:

– Tio Zé, tio Zé, como aquillo não ha! Cuidei até que não havia. Pois olhe, tenho visto muito,

O FOLAR DO SNR. ABADE

que eu, quando cá vieram os francezes, tinha os meus quinze annos bem puchados.

E era então um nunca acabar de historias facetas, que a velha gaiteira acompanhava com casquinadas de riso, abrindo desmesuradamente a larga bocca desdentada.

Tinha razão. O abbade era... era santo, porque não? D'uma austeridade simples, comprehendia os sagrados deveres do seu ministerio; a sua religião era feita d'amor e de carinho, tinha para todas as desgraças palavras de consolação e conforto. Caridoso, fazia o bem que podia, que era muito. Tinha uma figura sympathica atrahente. As creanças não fugiam d'elle com medo; pelo contrario, procuravam-o com prazer, iam risonhas para a escola, para as práticas do cathecismo. E todavia, ao principio, os letrados da aldêa, o

O FOLAR DO SNR. ABADE

regedor, os da junta de parochia, as beatas que então havia, ralhavam, porque as práticas dos domingos, á missa do dia, tinham pouco latim e não fallavam do inferno.

Á medida que o foram conhecendo, foram-o estimando e amando. Hoje, quando passa, com a sua batina comprida e um chapéu braguez d'abas largas, apoiado á bengala abbacial, uma solida bengala de cana da India, ferrada e encimada por um tosco castão d'osso, os que trabalham no campo saudam-o com respeito.

Sobre a sua cabeça encanecida brilham como um resplendor as bênçãos de todos.

*

* *

O FOLAR DO SNR. ABADE

No Minho não ha nada mais alegre que o aspecto exterior d'uma pequena igreja d'aldêa. Pintadas de branco, batendo-lhes em cheio o fulgurante sol, riem-se para nós. A propria cruz do adro, coberta de musgo e de hera, parece querer abraçar-nos com os seus braços viçosos. E então, quando o sino repica, sentimos a alma a rir, a rir ás gargalhadas!

Por um dia creador, um dia esplendido de primavera, repicava o sino de presbyterio e pela larga porta que abre para o adro e olha para a cruz, vinha sahindo: o abbade com a sobrepelliz da côr dos seus cabellos, a estola e o manipulo; o sachristão com o seu fato domingueiro meio coberto pela opa encarnada trasendo nos braços o Christo crucificado ornado de flôres, um pequenito de opa tambem, cahida até aos pés,

O FOLAR DO SNR. ABADE

segura na mão esquerda a caldeirinha d'agua benta com o hyssope, na direita uma grande campainha que agita de espaço a espaço; mais atraz dois homens, com lenços amarrados na cabeça, sustentam pelas azas, um enorme cesto, cesto barreleiro, forrado com um lençol de linho.

Meia duzia de garotos, que, perto do adro jogavam o talo, vão correndo e gritando:

– Ahi vem o snr. abbade aos ovos! Ahi vem o snr. abbade aos ovos!

E, n'aquelle dia, por todas as casas da freguezia vae uma grande azafama: abrem-se as velhas arcas da roupa branca; as camas fazem-se de lavado; varre-se o chão; limpam-se os moveis; raparigas com os seus lenços mais garridos, as suas capotilhas vermelhas, os seus aventaes mais aceiados e as suas arrecadas, como se fossem para

O FOLAR DO SNR. ABADE

uma romaria, entram alegres com braçados de flôres, de alecrim e alfazema que espalham pelo chão, e, no quarto mais aceiado, ou na cosinha em frente da lareira, se a casa é pobre, destaca o foliar sobre a meza de pinho coberta por uma toalha branca.

O abbade caminha feliz, risonho e contente.

Anda na companhia de Deus visitando os seus freguezes, benzendo-lhes as casas, recebendo a colheita que em dias menos prosperos distribuirá pelos pobres. Não sente cansaço. É grande a volta, grande a caminhada; mas a alegria com que o recebem em toda a parte, na casa do lavrador abastado, como na do pobre jornaleiro, dá-lhe forças, sente-se aliviado do pezo de trinta annos!

Com uma palavra anima os homens do cesto que caminham derreados com o peso das offertas.

O FOLAR DO SNR. ABADE

– Rapazes, o dia está feito, agora é saltar o portello, metter á azinhaga da bouça e estamos em casa dos fidalgos. D’ahi á Joaquina da Cancellação são dous passos, depois á egreja, á residencia, é subir a festo a encosta do monte.

Effectivamente, um quarto de hora depois, chegavam ao pateo do solar dos fidalgos da portella, uma construcção irregular e pesada do seculo XVI, com a sua vasta capella senhoreal. Na sala de entrada de tecto de carvalho trabalhado, a antiga sala d’armas, a sala dos retratos de familia, senhores e creados esperam a visita do abbade. No grande bufete, ao centro, coberto com damascos da capella, está o foliar – dous pintos – sobre uma bandeja de prata. Amos e creados beijam, ajoelhando-se, os pés do Christo. O abbade toma o hyssope, e, com gestos largos, solemnes e

O FOLAR DO SNR. ABADE

compassados, benze os quatro angulos da casa. O pequeno morgado forte, rijo e traquina, atira o folar para dentro da caldeirinha, cheia até meio de cobre – a esmola dos pobres.

Finda a curta cerimonia, a fidalga offerece, com a franca teimosia minhota, pão de ló, vinho verde e maduro.

*

* *

N'uma enxerga esfarrapada gemia, ardendo em febre, no humilde casebre da Joaquina da Cancellia, a sua filha mais velha, uma rapariga de quinze annos boa e trabalhadeira. Havia apenas tres dias que cahira de cama, mas n'esses tres dias não socegara um instante peiorando de momento

O FOLAR DO SNR. ABADE

a momento. A mãe, que constantemente a velava, via com horror transfigurar-se-lhe a phisionomia. Animava-a comtudo uma grande esperança:

– Podia Deus roubar-lhe a sua querida filha?...

E Maria, pela madrugada d'aquelle dia, tinha cahido n'um somno tranquillo. Ao accordar, voltou-se para a mãe, dizendo-lhe com uma voz fraca, arrastada, mas alegre:

– Estou melhor, muito melhor. É hoje domingo de Paschoa e por estar doente não quero que se deixe de enfeitar a casa para receber o snr. abbade. A mãe vá buscar flôres. Fico com os irmãosinhos. Se me sentir peor, mando chama-l'a.

Doida de contentamento com os allivios da filha, a mãe sahiu a colher flôres, dando, n'um momento, á sua pobresa um ar alegre de festa!

O FOLAR DO SNR. ABADE

– Aqui tens, filha, cinco réis para dares ao snr. abbade.

Maria, banhada n’um suor frio, levantou ainda os braços agarrando-se ao pescoço da mãe, mas, soltando um flebil gemido, cahiu desfallecida na enxerga.

– Jesus! Jesus! minha filha! a minha pobre filha!...

Vinha entrando o abbade.

– Ai! snr. abbade! E apontou para a filha, branca como a neve dos caminhos n’um dia de geada.

O padre escutou um instante, com o ouvido encostado ao peito da desditosa creança.

Estava morta!

Cerrou-lhe os olhos e aspergiu-a d’agua benta murmurando uma oração. Depois, pegou no

O FOLAR DO SNR. ABADE

Christo, e, ajoelhando-se á beira do catre, aproximou-o d'aquelles lábios descórados.

– Está no céo! Ámanhã ás 6 horas cá estaremos para o enterro; e é ter animo, coragem!

Joaquina soluçava. Os pequerruchos, n'uma grande gritaria, agarravam-se-lhe ás pregas da saia. Então, afogando em si toda a sua immensa dôr, disse-lhes, dando-lhes o Christo a beijar:

– Filhos, beijem o nosso pae. João, entrega tu o folar ao snr. abbade.

– O folar?! Acabas de dar a Deus a maior e melhor esmola que podias dar-lhe! – e, tirando da caldeirinha todo o dinheiro que trazia – ahi tens para os primeiros tempos. Ha-de fazer-te falta o que ella ganhava, depois... a residencia não é longe, e sempre por lá ha-de haver alguma coisa.

Até ámanhã.

O FOLAR DO SNR. ABADE

.....

.....

O sol escondia-se ao longe.

O som da campainha perdia-se echoando
alegremente pelas quebradas do monte

POMBA ENTRE MILHAFRES

Aos quinze annos, Luiza ficara sem mãe. Do pae, que perdera muito creança, conservava umas vagas reminiscencias. Que não fôra a morte que lh'o roubara, sabia-o de sobejo. Quando pequenita ainda, por noites frias de inverno, accordava estremunhada, e, cheia de medo com o barulho da chuva batendo rija nos vidros partidos da janella e com os roncões do vento assobiando pelas frinchas do fôrro, chamava pelo pae! A mãe então, aconchegando-a mais a si, adormecia-a, prometendo-lhe que o pae havia de voltar, e todos os dias rezavam junctas rogando a Deus pela vida d'elle. Nunca voltou!...

POMBA ENTRE MILHAFRES

Nas rudes horas do desalento, quando o trabalho minguava, bastas vezes ouviu dizer á mãe, por entre o soluçar d'um chôro copioso, que a miseria e o abandono em que viviam, tudo era ainda pouco para julgar espiada a sua culpa. Luiza tremia ao ouvil-a fallar assim. O seu pequenino coração confrangia-se de assustado e chorava tambem!

Cedo se habituou a soffrer, e as privações e a vida resguardada que a mãe lhe fazia levar, nunca a deixando sahir de casa – uma agua furtada d'um predio muito esguio na rua do Marquez de Alegrete – deram á sua phisionomia, pallida e doentia, uma expressão de tristeza d'uma doçura attrahente. Os cabellos louros e encrespados, emaranhados na testa e levantados um pouco sobre a nuca, esbatiam-n'a n'um fundo a que a luz

POMBA ENTRE MILHAFRES

dos seus olhos magoados emprestava os tons d'um céu claro d'outomno. Como a mãe era engomadeira, ella engommava tambem; e, dobrada sobre a banca, com o ferro seguro com ambas as mãos, o seu corpo gentil tinha a curva graciosa e delicada da haste d'um narciso. A doença da mãe fôra curta. Cahira de cama, devorada por uma febre intensa, morrendo ao fim de tres dias após uma agonia demorada, com as mãos apertadas ás da filha, como se a quizesse levar comsigo. Pouco antes da agonia principiar a embaciar-lhe os olhos, transmudando-lhe as feições n'um distender de musculos, agarrou Luiza mais para si, murmurando em palavras cortadas, n'um derradeiro esforço de moribunda:

– Sê sempre honesta e perdôa-me se te deixo ficar tão só e tão abandonada!...

POMBA ENTRE MILHAFRES

Em casa não entrava senão uma velha, uma vizinha do mesmo predio, que n'aquella triste occasião foi para a pobre orphã uma verdadeira Providencia. E, como fosse só, chegou mesmo a propôr-lhe que melhor seria para ambas o viverem juntas.

Luiza chorava sem responder. Inteiramente entregue á sua dôr, afigurava-se-lhe que o mundo ia acabar.

Ao cabo, porém, de poucos dias, quando pretendia aproveitar-se do offercimento, depressa conheceu quanto elle era pouco sincero. A velha celibataria, e por natureza egoista, mudava de conversa sempre que Luiza lhe fallava na triste solidão em que vivia. E, ao descer a escada, já um pouco tropega, amparada ao corrimão, resmungava entre os dentes:

POMBA ENTRE MILHAFRES

– Não me faltava mais nada! Ir buscar trabalhos com as minhas próprias mãos!

E, n'uma exclamação bestial, ajunctava:

– Arreda!

No amor ao trabalho, que a mãe lhe soubera inculcar, Luiza encontrou o unico amparo para a sua enorme desgraça. Trabalhava, trabalhava muito, constantemente. Á bocca da noite sahia a levar a roupa a casa dos freguezes. De olhos fitos no chão, absorta sempre, caminhava sem reparar nos galanteios que lhe dirigiam; e, se algum mais atrevido lhe tomava o caminho, descia rapida do passeio, afastando-se com o seu passo apressado e miudo. A lida continua de todos os dias não lhe espancava as negruras das noites que eram crueis. A figura da mãe apparecia-lhe então perfectamente nitida; mas morta, com as mãos

POMBA ENTRE MILHAFRES

crusadas sobre o peito, estendida em cima da cama, em que ella propria se ia deitar! E, como se realmente ali estivesse, Luiza, uma vez deitada, aconchegava-se muito para o lado da parede, deixando á morta o seu antigo logar!

Essa formosa creança pobre e abandonada sentia-se, apesar da fortaleza da sua alma, pouco a pouco vencida pela fatalidade da desgraça, e o seu destino apparecia-lhe indeciso e lugubre, como a vaga claridade espalhada á noite n'uma egreja pela mortiça luz d'uma unica lampada!

A freguezia foi rareando. A miseria tornou-se mais sombria, porque, não raras vezes, era a fome a sua companheira. A ideia do suicidio perseguia-a acudindo-lhe á lembrança casos lidos nos jornaes de mulheres que se matavam. Pensava mesmo nos meios de realisar esse intento. Afogar-

POMBA ENTRE MILHAFRES

se, repugnava-lhe. Parecia-lhe que o Tejo devia ser frio, muitissimo frio. Precipitar-se á rua, talvez fosse melhor. Debruçada da janella, a altura estonteava-a, e, depois passava tanta gente! Não iria na sua queda fazer mal a alguém, alguém que fosse feliz?!...

Sentado a um canto e com os cotovelos fincados sobre os joelhos, quedava-se horas inteiras a scismar, namorando com os seus olhos azues, d'uma ternura inefavel, os fogareiros de barro onde aquecia os seus ferros!

*

* *

Uma tarde, Luiza descobriu, no segundo andar do predio fronteiro, – uma casa de

POMBA ENTRE MILHAFRES

apparencia pobre como a sua – atravez dos vidros de vidraça, o perfil d’um homem, de um rapaz ainda novo. A casa tinha escriptos, havia muito; e, sobre a porta, em lettras manuscriptas, um pequeno quadrado de papel em que se lia: – Esta casa não se aluga; está em obras.

Quem poderia ser esse inquilino? Um desgraçado como ella, sem ninguem, só no mundo e a quem talvez, enquanto as obras não principiavam, o proprietario tivesse feito a esmola de o deixar viver ali. E o seu coração sentia uma attracção irresistivel por esse desconhecido, por esse infeliz, a quem ella já emprestava uma sorte igual á sua! E sem o vêr, que as vidraças nunca se abriam, adivinhando-o apenas, amava-o com os impetos d’uma paixão irresistivel. E agora, desde que essa paixão se lhe ateiara n’alma, como uma

POMBA ENTRE MILHAFRES

aurora de esperança, passava os dias feliz e alegre no meio da sua enorme desventura!

Chegou mesmo a fazer loucuras. Uma vez, como na rua passasse uma mulher vendendo flôres em vasos postos á cabeça, em cima d'uma tabua, chamou-a e comprou-lhe dous. Um era de amores, o outro um craveiro. Deu por elles um tostão, toda a sua fortuna, tudo quanto tinha, o seu pão do dia seguinte. Mas que importava se tinha com que ornar a sua agua furtada?!

De manhã cedo, mal se levantava, corria á janella. Na casa fronteira, tudo fechado, apenas os escriptos pareciam fita-l'a com a imperturbabilidade de orbitas ás quaes tivessem arrancado os olhos. Apesar de não vêr ninguem, porque só á tarde e muito rapidamente é que ella entrevia esse vulto tão amado, principiava

POMBA ENTRE MILHAFRES

contente a cantar o seu rude trabalho. Vivia satisfeita. Unir a sua sorte tão negra á d'esse desventurado tão abandonado como ella, era o seu sonho de todos os instantes. A desgraça sente-se attrahida pelo infortunio, e devia ser enorme o d'esse rapaz que assim se occultava á vista de todos. Dizer como elle era, não o sabia, que á hora a que o vulto se desenhava por detraz dos vidros, Luiza, com receio de ser vista e de não ser correspondida, espreitava-o a medo da sua janella, e, como fosse sempre perto da noite, não podia tambem fixar-lhe as feições. O que distinctamente via era as mãos muito brancas, mãos de fome, pensava, cerrando as portas da janella. E era este amor, vago, indefinido, consagrado a alguém que para Luiza pouco mais era que uma sombra, que a sustentava, que lhe dava alento para supportar

POMBA ENTRE MILHAFRES

com coragem a vida de privações que arrastava. Aquelle curtissimo momento tão desejado e tão expiado, inundava-lhe a alma d'uma alegria sem igual.

*

* *

Um dia, foi em vão que esperou o namorado. E passaram-se dias e dias sem nunca mais o tornar a vêr. Luiza sentia-se succumbir. A ardencia da paixão havia-lhe seccado as lagrimas. Não chorava. Tinha desesperos nervosos que a prostravam como se de repente o coração deixasse de bater dentro do seu peito de virgem! E deixava-se ficar esquecida do trabalho, das horas, do tempo n'uma quietação idiota. N'uma d'essas

POMBA ENTRE MILHAFRES

crises, perdida, fóra de si, dirigiu-se á janella, como louca, decidida a precipitar-se d'ella abaixo. Hesitou, teve medo, e, ao mesmo tempo reparou que na rua uma senhora, parada em frente da porta, que para si valia mais que a d'um sacrario, olhava para um e outro lado, como quem procura convencer-se que era realmente aquella a casa que buscava. Viu-a levantar a aldraba e entrar. N'esse instante, dissiparam-se-lhe todos os pavores que a martyrisavam. O seu amôr, a sua chimera, estava ali defronte, a dous passos!

Ouvira, em tempo, fallar á mãe n'uma associação de senhoras que soccorria os pobres, indo ellas proprias levar-lhes esmolas junctas com palavras de muita resignação. Sim, era isso, era uma d'essas bemfeitoras, que ia soccorre-l'ô, ao seu amado, que ali jazia doente, moribundo

POMBA ENTRE MILHAFRES

talvez! Desceu apressada a escada e foi postar-se á porta da casa decidida a interrogar essa senhora que para Luiza, n'aquelle momento, revestia as fôrmas d'um anjo cahido do céu para a salvar!

Esperou, esperou por muito tempo. Ella que não descia é que devia ser desesperado o estado do doente. Lembrou-se da mãe. Como se morre depressa! Resolutamente abriu a porta e subiu a escada. No fim do segundo lanço havia um corredor escuro, parou; abrindo-se ao fundo uma porta, uma faixa de luz illuminou-o obliquamente. Da sombra, e cosida com a parede, espreitou. Pareceu-lhe que sonhava! De costas para ella a senhora despedia-se d'um rapaz novo e elegante que lhe imprimia na bocca um beijo demorado!...

Horrisada e recuando pé ante pé, como um ladrão que se sente prestes a ser apanhado, apenas

POMBA ENTRE MILHAFRES

chegou á escada, desceu-a precipitadamente. Uma vez em baixo, levantou os olhos marejados de lagrimas para aquellas mentirosas janellas; e, allucinada, sem consciencia do que fazia, principiou a caminhar pela rua adeante. Era noite e bem escura, quando e sem saber como se achou encostada á muralha do aterro. As aguas, na baixamar, deixavam a descoberto o fundo lamacento do rio fracamente allumiado pelos candieiros da margem. Se as lagrimas, que em fio lhe escorriam pela cara abaixo, podessem encher o Tejo, ter-se-hia precipitado do parapeito, acabando de vez com o atroz soffrimento que a perda da sua primeira illusão lhe causava! E presentia que seria a derradeira! Que mais lhe restava no mundo, agora, que sentia o coração morto dentro de si?...

POMBA ENTRE MILHAFRES

Os estreitos reflexos das luzes dos pharoes dos navios ancorados a meio do reio, scintillavam marcando distinctamente, com pequenos pontos brilhantes, a linha d'agua. De olhos fitos cuidava vêr crescer a maré, e, anciosa aguardava o momento que tanto lhe tardava, de se deixar cahir de chofre na corrente!...

Um bebado, que passava do outro lado, aos bórdos, encostando-se ás paredes das trezenas, ao lóbrigar um vulto de mulher, atravessou aos zig-zagues, e, abeirando-se d'ella, agarrou-lhe d'um braço, rosnando:

– Anda d'ahi, rapariga.

Luiza, refeita do susto, desembaraçou-se da mão que a opprimia e com os debeis punhos cerrados bateu de encontro ao peito do bebado, que tombou estatelado no chão. Grunhindo como

POMBA ENTRE MILHAFRES

uma fera rolava sem conseguir levantar-se. E ella, a quem aquelle atrevido convite enchera de indignação, ao vêr assim um homem estrubuchar nas pedras do passeio, teve dó e aproximou-se com o intento de o ajudar a pôr de pé. Ao curvar-se, porém, vendo-lhe luzir na palma da mão a folha d'uma navalha, teve medo, soltou um grito de terror e desatou a fugir!...

*

* *

Dous dias depois, os visinhos de Luiza, como a não ouvissem cantalorar em cima, e não déssem tento d'ella ter sahido, concertaram uns com os outros ir ter com o regedor da freguezia a fim de

POMBA ENTRE MILHAFRES

o prevenir das apreensões que tinham a tal respeito.

Arrombou-se a porta. No chão havia dous fogareiros cobertos de cinza branca. Sobre a cama e muito cosido com a parede, deixando vago o lugar da mãe, jazia o cadaver de Luiza, segurando ainda n'uma das mãos um pequeno ramo feito d'amores e cravos desmaiados!...

HISTORIA D'UMA RENDA

Quando o anno passado fui, segundo o meu costume, passar no verão uns dias á provincia, á velha casa de meus paes, o capellão, um padre que me trouxe ao collo, depois de me festejar grandemente e de se informar da minha pouca demora, pediu-me com instancia para lhe ajudar á missa, no dia seguinte, um domingo. Achei-o muito mudado; havia apenas um anno que o não via; mas, durante esse tempo, tornara-se decrepito. No seu olhar, amortecido e vago, pareceu-me descobrir o presentimento d'um fim que se avizinha. Não me enganei. Passados tres mezes, chegava-me a triste noticia da sua morte. Pobre homem! Vendo-me aos seus pés, na successão das cerimoniaes do officio divino, talvez se sentisse remoçar e se imaginasse com vinte annos menos, tendo ao seu lado a creança, a quem,

entre mimos de bondade, ensinara o *Ad Deum qui lactificat juventutem meam!* Fiz-lhe a vontade, e, finda a missa, seguiu-o na estreita sacristia, onde, pouco antes, o ajudara a paramentar. Encanecido e curvado sobre o arcaz, ia-se despindo com lentidão, murmurando as palavras da sagrada liturgia, da casula, da estola, do manipulo, da alva, e do amicto, dobrando successivamente e beijando com respeitos esses attributos, com que se revestira para a celebração do solemne sacrificio. Depois abriu com custo, levantando as pesadas argolas de bronze trabalhado, uma enorme gaveta e d'um canto tirou um pequeno panno de linho branco, que examinou, acrescentando:

– É um corporal que, no domingo passado, preparei para a fidalga mandar lavar. Roto, esfrangalhado!... Para a outra vez não ha remedio senão queimal-o!

E na sua voz e no seu olhar havia a tristeza inconsolável de quem assiste á derradeira separação d'um velho amigo, d'um antigo companheiro!

Peguei no corporal, e sahi para o terreiro, a esperar, á porta da capella, que o padre Manuel acabasse as suas rezas, para depois lhe fazer companhia ao almoço. Ao sentir na palma da mão aquelle pedaço de linho, tão fino e tão macio, levado por um outro sentimento, comprehendí o amor do padre, e, desdobrando-o, reparei na delicada renda, que o orlava. Assim esfarrapado, pareceu-me mais o lenço d'uma noiva, mordido desesperadamente no primeiro accesso de ciúme, que o corporal d'um altar! O capellão, pitadeando, vinha sahindo da capella. Como se realmente tivesse na mão um lenço, amarroteio-o com irreverencia, enfiando-o á pressa no bolso do meu casaco de flanela. Só á noite, quando recolhi ao

meu quarto é que voltei a dar com o corporal. Atirei-o com desdem para cima d'uma meza, fazendo esforço para não me esquecer de o entregar no dia seguinte a minha mãe. O somno na aldêa é facil de conciliar. Metti-me na cama, passei a vista pelas folhas d'um alfarrabio poeirento, que de dia tinha descoberto, á hora da calma, na estante do corredor, e apaguei a luz, disposto a acordar com os primeiros clarões da madrugada. Apenas me tinha aconchegado ao linho fresco dos lençoes, levemente perfumados pelo cheiro sadio das maçãs camoezas da arca e das hervas do campo, sobre as quaes tinham seccado á beira do ribeiro, pareceu-me ouvir no proprio quarto um chôro dolorido, entrecortado de gemidos e muito manso, de quem procura evital-o. Não podia enganar-me. Não era illusão dos meus sentidos. Levantei-me um pouco na cama, e,

em voz baixa, perguntei quem estava ali. Uma voz sumida respondeu-me:

– Sou eu.

– Quem? insisti de novo.

– A renda, a infeliz renda do corporal, que hoje trouxeste da capella.

Lancei a mão á caixa de phosphoros para accender a luz; mas, lembrando-me que talvez o encanto cessasse com a claridade, deixei-me ficar na escuridão do quarto, e animei a renda a desabafar commigo. Ella, então, já á vontade com o meu bom humor e a minha caridade, contou-me a sua historia.

*

* *

Nasci do linho de Nouvion, fiado n’uma roca por uma velha, que, apesar de cega, conseguia que

a linha tenuissima, como os fios da teia d'uma aranha, sem um nó, crescesse na massaroca do seu fuso favorito, ininterruptamente, até ao acabar da estriga.

Depois, por ordem de Colbert, levaram-me para Alençon. Ali, uma rapariga bem nova e bem infeliz, porque o noivo tinha partido para a conquista de Flandres, creou-me, orvalhando o pergaminho sobre que eu ia crescendo com as lagrimas da sua saudade. Como me lembro d'ella! Magra, com o peito mettido para dentro, á força de estar curvada sobre mim; o rosto oval, com a expressão melancholica, de bocca sempre entreaberta para deixar passar os suspiros; as meninas dos olhos negras, humedecidas, como se fossem recortadas na penna luzidia da aza d'um corvo e colladas sobre o peito d'uma rolla; os cabellos castanhos, esparsos, sobre a testa pequenina! Quando me separaram d'essa gentil

camponeza, pouco tempo poderia ter já, para chorar o seu noivo ausente; tossia, e o seu lenço tingia-se com laivos de sangue desmaiado. Nunca mais voltei a saber o que era a sinceridade.

Conheci todos os espendores da côrte do Grande Rei.

Misturaram-me a quanta intriga doirada se urdia entre os velludos e as sedas dos cortezãos respeitosos. Beije os seios da Montespan, presa do decote do seu vestido de gala! Nunca vi corpo mais roseo e branco, de que não pôde dar idêa a alvura d'um jasmim córado pela candura d'uma creança! Cabellos mais loiros – raios de sol fundidos em fios ondedados! Olhos mais azues do que as proprias saphiras estrelladas!

Um dia, roubada, venderam-me a Ninon de Lenclos. Vi os maiores nomes de França chafurdarem-se na alma d'essa alcova, toda forrada de setim e rendas – rendas, minhas irmãs!

Escutei, de noite, os segredos lascivos, que, entre beijos, ella repetia á Maintenon. Depois, quando, mais tarde, a viuva de Scarron, elevada a favorita, foi para Versailles, acompanhei-a, como lembrança da sua antiga amiga. Estive no casamento do Rei, celebrado de noite, envolto n'um grande mysterio, abençoado por Hébert, tendo apenas por testemunhas alguns criados discretos, pagos a pezo de oiro. Segui assim o astro em toda a sua orbita, e commigo se ornou ainda a Maintenon, para receber, doente e deitada na cama, pouco tempo antes de morrer, a visita do czar.

Conheci todos os recatos de Saint-Cyr, até chegar a imaginar que alli morreria ignorada, passando de mãos em mãos, sempre como lembrança, d'uma pupilla que saia á amiga dilecta que ficava. A minha vida era triste, porque não saia dos cofres delicadamente cinzelados, onde

successivamente me iam guardando. Um dia, porém, Luiza, a minha dona, enamorada perdidamente d'um rapaz novo, gentil e bem parecido, com quem fallava da janela, ás horas mortas da noite, enganando a vigilancia da superiora, foi-se ao cofre, onde eu jazia, e atirou-me como mimo de amor, ao seu amado, dizendo-lhe que eu pertencera á Maitenon. Quando me vi no ar, tive medo, medo da minha queda! Mas, das bandas de Paris, corria uma doce aragem que me embalava, e, desenrolando-me no espaço, como um passado que vôa, fui poisar, ao de leve, longe do cavalleiro. Apanhou-me, e, levando-me ao coração, disse para cima umas palavras mentidas. Elle era um devasso, e, por esse tempo, enchia as ruas de Paris a fama da belleza de Joanna Bécu. Conhecia-a, e, n'essa mesma noite, assisti, enrollada ao pescoço da cortezã, a uma saturnal de que ainda hoje córo!

Aqui o chôro recomeçou de novo; depois, em voz sempre muito arrastada continuou:

– A minha sorte, desde esse momento, ficou presa á da du Barry. Ella tinha-me como um talisman, sabia de quem eu procedia, e por isso nunca se separou de mim, chegando a trazer-me ao pescoço, dobrada, mettida n’um pequeno sacco de velludo, pendente d’um fio de perolas, como um amuleto! Uma vez, que me julgou perdida, pensou em offerecer todo o seu poder, todas as suas joias, todas as suas riquezas, todo o encanto da sua formosura plebêa, a quem me descobrisse. Não foi necessario nenhum sacrificio. Ella propria me encontrou no seu sumptuoso pavilhão de Luciennes. Beijou-me, e esses beijos, só lembral-os, ainda agora me escaldam! Acompanhei-a nas suas viagens a Londres, em plena republica, e, por ultimo, ao cadafalso. E essa mulher, que tratára o rei de França como um juguete de creança, deante

da morte, teve medo – não soube morrer com valor! A cabeça caiu para um lado, decepada, eu para o outro, sobre o estrado da guilhotina. A sua superstição por mim era tão forte, que me levára alinhavada ás pregas do seu corpete. Como desejei morrer ali! Considerava-me cúmplice de todos os seus crimes. O destino, porém, não o quiz assim. Os corpos dos cadáveres, com que o terror juncava os cadafalsos, eram roubados pela populaça. Fui levada por um sapateiro, que deu o vestido da morte de presente á sua filha. Quando ella me descobriu, coseu-me a um lenço de linho finissimo, despojo talvez tambem d’um outra victima! Durante alguns annos para ali fiquei, vivendo n’uma casa humilde, esquecida, relembrando todas as torpezas de que tinha sido testemunha! D’essa rapariga passei para uma sua amiga, bem mais nova do que ella, que estava apaixonada por um

soldado da divisão do general Soult, que então recebera ordem de marchar sobre a península.

Á hora da despedida, quando já nas casernas rufavam os tambores e tocavam as cornetas a reunir, enxugando as lagrimas d'essa que mais uma vez ficava separada do seu amante, fui-lhe dada, como penhor d'uma affeição eterna. O soldado metteu-me no bolso da fardeta, sobre o peito, jurando amor eterno e jurando que, com tal couraça, não havia bala que o ferisse. Jura fementida! Como tivesse adquirido na guerra o habito dos rudes vencedores, veio descendo a França, como se fosse paiz conquistado, seduzindo as mulheres, violando as creanças! Assim entrei na Hespanha e passei a Portugal, deixando sempre atraz de mim um rastro feito de lagrimas e sangue. Na passagem do rio Ave, fiquei para traz, tendo visto o general Jaldon, ferido, cair morto do cavallo abaixo. Tão esquecido estava o meu soldado da sua

amada, que nunca, nem quando se viu só e perdido, e tinha de evitar a todos, sem poder perguntar a ninguém qual o caminho que levava ao Porto, para onde sabia que os seus companheiros de armas se tinham dirigido, e, parando nos carreiros, atascado em lama, limpava as bagas do suor, afflicto, por se ver assim abandonado em paiz inimigo, nem então se recordava d'ella!

O povo, n'esse tempo, fanatisado, fazia no Minho uma guerra sem treguas, nem quartel. O francez não era só o inimigo, era sobretudo o hereje. Visto, uma manhã no cimo de Tobosa, por um caseiro d'esta casa, deixou-o espiado por um guardador de cabras, desceu a buscar a clavina, e instruido da direcção que o francez tomára, foi esperal-o ao sobreiro, e ali, de traz d'um muro, varou-o, de lado a lado, com uma bala, que lhe foi direita ao coração. Eu salvei-me por milagre! Uma vez o soldado estendido por terra, revistou-lhe as

algibeiras. Nada mais encontrou senão a mim; e, como nunca tivesse visto um lenço tão fino, imaginou que era o corporal d'um altar; e, como também lhe pezasse um pouco na consciencia o ter morto um homem, que a elle propriamente nunca fizera mal, tomou-me com respeito, lavou-me com cuidado, entregando-me como *voto* ao padre, que então era capelão da casa.

Eis toda a minha historia. Ora, hoje, quando ouvi fallar em me lançarem ás chammassas, eu, que tanta vez mereci a morte, por me ter visto misturada a tão infames crimes, arripiei-me e senti saudades do mundo. Não, não posso merecer a morte, agora, que me sinto purificada, depois de ter passado, mais de setenta annos, consagrada ao serviço divino! E supplicante, pedia-me que a salvasse; que ornasse com ella um lenço de cambraia, affirmando que quem o possuisse, ignoraria a desventura, e que se esse alguém, por

uma fatalidade da sorte, tivesse de chorar, saberia com tal meiguice e carinho enxugar essas lagrimas, que até seria um prazer o vertel-as!

*

* *

Quando acordei era já sol nado, havia muito. Nos campos as lavradeiras, cantando, mondavam os milhos, e os passaros, de entre as folhas das arvores, respondiam alegremente ao desafio. Sobre a meza estava o corporal. Peguei n'ele e guardei-o no fundo da minha mala de viagem. Quando cheguei a Lisboa, remetti um outro ao padre Manuel. E, como acredito em sonhos, e a renda é de Alençon, mandei fazer um lenço, que um dia hei-de dar a uma noiva gentil, que hoje conheço creança!

AROMAS CAMPEZINOS

Ao João do Eido, o jornaleiro viuvo da Engracia, conhecido em toda a freguezia, morrera-lhe o seu unico filho, uma creança de cinco annos. O pobre homem estalava de dôr. O pequenito, já deitado no caixão forrado de panninho vermelho, com os olhos mal cerrados, parecia olhar para o pae, que, sentado ao lado, sobre um banco tosco de castanho, o ameigava com as mãos sujas e calosas, passando-as ao de leve, para o não magoar, por cima da cara fria do anjinho, que as moscas mordiam desapiedadamente. Visinhas entravam com abadas de flôres do campo, que lançavam no estreito caixão. Ao verem a dôr muda do pae, represavam as lagrimas, que em grita vinham

AROMAS CAMPEZINOS

dispostas a verter, e, benzendo-se, saiam desconfiadas. Fóra iam commentando, acompanhando de *glorias* os propositos que aventavam.

– Elle, no fim, dizia uma, até é capaz de estimar. Para um homem só, um pequeno d’aquella idade era até um empecilho!

– Cruzes, Santo Deus! remungava uma velha, a mim é que nunca me enganou. Ainda ninguem o viu chorar! É de pedra, o homem!

A Rita da Cancellia, que vinha chegando, ao ouvil-as, ralhou:

– Tambem era melhor que vossês tratassem de accender o lume ao sr. João, que ha tres dias não come coisa nenhuma.

E entrando:

AROMAS CAMPEZINOS

– Guarde-o Deus. O seu filho está no ceu, ao collo da mãe, a pedir por vossemecê. Vamos, é tratar da vida; vou accender o lume e fazer-lhe um caldo de azeite.

Da porta chamou a Joanna, que lhe trouxesse umas folhas seccas, e fôsse pedir á tia Rosa um braçado de couves.

Curvada defronte da lareira, com as saias entaladas entre as pernas, esgaravatava com um pau, que encontrara ali, ao lado, as cinzas frias e apagadas.

– E’ o que eu digo, ha tres dias que se não faz lume nesta casa! Deita ahi essas folhas, rapariga; dá-me um molho de cavacos.

– Aqui não ha.

– Pois vae buscal-os lá fóra.

AROMAS CAMPEZINOS

Accendendo um phosporo por debaixo das folhas, a casa encheu-se de fumo. Approximou as pedras denegridas, que serviam de trempe, e, como a Joanna não chegasse, partiu o pau que tinha na mão em pedaços, cruzando-os sobre as folhas, entre as pedras. A chamma principiou a morder n'elles, crepitando, e como fossem verdes, a seiva refluia nas extremidades em gotas, como lagrimas. O fumo escapava-se lentamente por entre as telhas vãs.

João do Eido, olhando para a lareira, exclamou:

– Ai, snr.^a Rita, que me queimou a vara do meu rapaz!

– Olhe que lhe devia ser agora muito precisa; deixe lá.

AROMAS CAMPEZINOS

E ás voltas, remexendo tudo como se estivesse na sua propria casa, principiou a fazer o caldo.

Era uma excellente mulher a Rita!

Da porta o mulherio anunciava:

– Ahi vem o Joaquim do Portêlo com os quatro rapazolas que hão de levar o anjinho.

Minutos depois entrava Joaquim do Portêlo, um homem alto, desempenado, dos seus trinta e alguns annos, forte, espadaúdo, de suissas ruivas, cortadas rentes; atraz os pequenos, descalços, de calças de cotim arregaçadas, em mangas de camisa, de cabeças rapadas, segurando nas mãos as carapuças; com os olhos esbugalhados, medrosos, desconfiados, arreceiando-se de entrar. As mulheres empurravam-os aos encontrões para dentro da casa.

AROMAS CAMPEZINOS

– Pois compadre, disse o Joaquim limpando com as costas da mão as bagas de suor, que da testa lhe escorriam pela cara abaixo, tenho uma má notícia a dar-lhe. Quando ainda agora fui lá cima á residencia buscar estes rapazes e prevenir o sr. abbade que dentro em pouco lá estaríamos com o anjinho, soube que o meu afilhado não podia ser enterrado dentro da igreja!

As mulheres, que de bruços espetavam no corpo inanimado da crincinha morta alfinetes para que uma vez no ceu pedisse a Deus por ellas, ergueram aterradas as cabeças e até a propria Rita, que n'esse momento, segurando o testo da panela onde fervia o caldo, deitava para dentro uma mancheia de sal, se voltou espavorida. E todas á uma protestaram contra semelhante sacrilegio! Só o pae se conservava calado. Joaquim, vendo

AROMAS CAMPEZINOS

n'aquelle silencio um signal de assentimento, elle que vinha farto de discutir em vão com o abbade, aproveitou o ensejo, accrescentando:

– Calem-se para ahi, mulheres. E' como lhes digo. Pelos modos, por essas Europas, anda uma doença má que mata tudo, e foi o Arcyprate por mandado do sr. arcebispo, mais o regedor, que deram a ordem. Por agora toda a gente que morrer enterra-se no adro, enquanto a junta da parochia não faz um cemiterio como o da Villa. Rapazes! agarrem n'essas azelhas e vamos, que se está fazendo tarde. Deixe lá, compadre, - e, tomando o caixão trouxe-o para fóra da porta, onde os rapazes lhe pegaram.

As mulheres saíram atraz praguejando entre dentes. A Rita rezando continuou a sua tarefa. O pobre pae, como se estivesse pregado no banco de

AROMAS CAMPEZINOS

castanho, continuou a enxotar com a mão as moscas, do cepo, sobre o qual, momentos antes, descansava o filho estremecido! Lá fóra os sinos da igreja principiaram a repicar alegremente. João, ao ouvir o repicar festivo, levantou-se cambaleando e foi-se á porta onde se quedou arrimado á hobreira. Alvejava, no cimo do monte, por entre as arvores copadas, o esguio campanario. O sol, um sol de agosto, enchia de claridades a encosta, e, numa volta do caminho, João do Eido pôde seguir com a vista, até ao momento de transpôr o portêlo da bouça do fidalgo, o triste cortejo que lhe levava o melhor do seu coração! A vista pregada no portêlo, ali se ficou até que os sinos se calaram. Então voltou-se para dentro da casa, onde nunca mais brincaria o seu Manuel a cavallo, ás correrias, na vara com

AROMAS CAMPEZINOS

que a tia Rita tinha accendido o lume d'aquelle dia! Sobre a banca, dentro d'uma enorme malga de barro vidrado enfeitada de arabescos amarellos, fumegava o caldo appetitosamente ao lado d'um enorme náco de brôa.

Vorazmente, como um selvagem, pegou na brôa, esfarelou-a dentro do caldo, e, agarrando na tijela com ambas as mãos principiou a beber como um glotão, a largos tragos. A snr.^a Rita triumphante advertia:

– Repare homem, olhe que se escalda!

*

* *

Passado um mez, dobravam a finados os sinos da freguezia. Morrera o do Casilho, o pae do

AROMAS CAMPEZINOS

regedor. Na aldêa perguntava-se com curiosidade se tambem seria enterrado no adro como o filho do João do Eido. Era em fins de setembro, estava á porta o S. Miguel. Andava tudo n'uma grande faina; cortara-se o milho das terras altas, onde agora os gados pastavam nos restolhos; nas eiras, as raparigas esfolhavam, cantando alegremente ao desafio; limpavam-se, pintando-se de novo, as grades dos espigueiros vermelhos; os troncos dos altos choupos esguios vestiam-se de mêdas com a palha secca dos milharaes; começara-se a vindima; á porta das adegas concertavam-se e lavavam-se as vasilhas; dependurados nos galhos das arvores, homens, mulheres e creanças colhiam as uvas deitando-as para dentro dos estreitos cestos vindimos; os velhos lagares de pedra enchiam-se pouco a pouco. A natureza e os

AROMAS CAMPEZINOS

homens despiam os campos. Só o milho das terras fundas, das terras lentas, já muito doirado, se conservava ainda de pé, aproveitando os ultimos dias de sol. Ia um rico S. Miguel.

João do Eido, que n'aquelle dia trabalhava na Juncosa, apenas ouviu tocar a defuncto e soube quem era o morto, largou o trabalho e apressadamente dirigiu-se á egreja, uma legua bem puxada, a indagar o que havia. Chegado ao cruzeiro viu que da janella da residencia o abbade fallava para baixo com o proprio regedor, o sr. Josésinho do Casilho, montado na egua rabona em que costumava ir ás feiras, á villa. Para não ser visto, coseu-se com o muro do passal e caminhando vagarosamente foi postar-se, á escuta, no angulo da meia laranja que defronta com os degraus do adro. O abbade, com os

AROMAS CAMPEZINOS

cotovellos fincados no peitoril, dizia para baixo, sorvendo uma pitada:

– É que não vejo outra volta a dar-lhe. Siga o meu conselho, que não vae mal. Vossemecê vai d'aqui á villa fallar com o Arcypriste e com o administrador. Com ordem d'elles e com a licença da fidalga, cá se arranja o resto. As eleições estão á porta, todos sabem que temos a freguezia na mão; é que nem sequer lhe põem uma duvida.

– Veremos. Então diga lá, sr. abbade, no fim de contas o que é que eu hei-de dizer?

– Homem, primeiro que tudo, que morreu seu pae, que lhe mandou fazer um caixão de chumbo, que vai pedir á fidalga licença para o enterrar na sepultura da casa, é uma sepultura particular, o povo não tem nada que dizer, e em estando feito o cemiterio que faz a transladação. Depois vae á

AROMAS CAMPEZINOS

fidalga, volta a fallar no caixão, explica que os ossos do seu pae se não misturam lá com os dos fidalgos, e está a coisa arrumada. Vá-se com Deus.

O regedor esporeou a egua e partiu a galope na direcção da villa, repetindo como uma creança o sermão que o abbade lhe ensinara.

João do Eido era a primeira vez que ali vinha depois da morte do filho. Sabia pelo compadre, que o seu anjinho se enterrara á porta da igreja, do lado direito. Quiz ver a sepultura, mas faltou-lhe o animo para subir os degraus do adro.

Trepou acima do banco de pedra que cingia a meia laranja e espreitou por cima do parapeito. Lá estava. A terra remexida abaúlada, cobrira-se de fresca relva, viçosa.

AROMAS CAMPEZINOS

Fitando com ternura aquelles poucos palmos de terra, o seu coração descobria, atravez do pequeno tapete esmeraldino, o querido filho da sua alma, sorrindo meigamente como no dia em que o compadre Joaquim lh'o fôra buscar a casa para nunca mais voltar! E parecia-lhe que de dentro da egreja, fechada áquela hora, saía a voz de Ignacia, que em chôro, suplicante, lhe pedia que lhe levasse lá para dentro o filho tão amado! Allucinado, saltou abaixo do banco e a correr encaminhou-se para casa da fidalga, que foi encontrar no jardim, rodeada de criadas, a encher de flores as jarras da capella. Confusamente explicou-lhe o que ali o trazia.

Vinha pedir-lhe licença para que o do Casilho, a quem tinham feito um caixão de chumbo, e –

AROMAS CAMPEZINOS

insistia nesta particularidade, - fôsse enterrado na sepultura da casa.

– Então, perguntou a fidalga, é do mando do regedor que cá vieste?!

Confessou que não; mas que, sabendo que o regedor lhe vinha fazer aquelle pedido elle viera primeiro e lhe pedia muito, e erguia as mãos em ar de supplica, que a fidalga consentisse.

– Olha, João, disse a velha fidalga suspirando, hoje a lei é igual para todos; e quando eu morrer, de nada me servirá ter lá em cima a sepultura onde estão os fidalgos d'esta casa, Deus lhe falle n'alma.

– Mas o sr. abbade... e, como se sentisse no pateo o tropear d'um cavallo acompanhado dos latidos dos cães, concluiu: ha-de ser o sr. Josésinho; elle explicará melhor do que eu.

AROMAS CAMPEZINOS

– Vae dizer-lhe que estou aqui.

O José de Castilho explicou tanto e tão bem a sua petição, que a boa da fidalga accedeu facilmente ao pedido, pensando talvez que um dia, apesar da dureza das leis, lhe consentiriam que o seu frio corpo gelado fôsse descansar ao lado d'aquelles que mais amara na vida!

*

* *

O dia seguinte amanheceu sombrio e carregado. O sol subia no horizonte, escondido por densas nuvens pesadas, que se acastellavam na atmospheria. O gallo da torre andava n'um rodopio sem saber para que lado se havia de voltar. As folhas seccas, desprendendo-se das

AROMAS CAMPEZINOS

arvores, subiam em espiraes envoltas em poeira. Para as bandas do sul desenrolava-se uma comprida fita escura. Os tons verdes dos pinheiros, dos castanheiros, sobreiros e choupos, sem sol que os fizesse resaltar, confundiam-se tristemente esbatendo-se nas encostas cobertas de giestas. Sómente a flôr amarella dos mattos quebrava nas bouças a melancolia da paisagem.

O officio tinha sido demorado. Juntaram-se os padres de todas as freguezias em redor. João do Eido, ao entrar na egreja, pousara a enxada ao lado do desengonçado guarda-vento e encostando-se á pia assistiu impassivel á longa cerimonia. Findo o enterro os padres conversando, tiravam as suas vestes, na sachristia. Pouco a pouco vinham saindo, com as batinas embrulhadas em trouxas, em grandes lenços vermelhos, mettidas debaixo

AROMAS CAMPEZINOS

dos braços, e segurando na mão os pesados guarda-chuvas e as vellas de cêra que além da meia côroa, cada um acabava de ganhar com o seu fanhoso latim. João contava-os um a um. Quando o ultimo saiu, dirigiu-se á sachristia, onde o abbade, debruçado ainda sobre o arcaz, com os oculos acavallados no nariz, lançava no livro dos obitos o nome de Francisco do Casilho. A igreja despejara-se; apenas o sachristão levantava de cima da eça o velho panno preto muito pingado de cêra. O abbade, acabando de escrever e limpando a penna ás abas da batina, perguntou:

– Que ha de novo?

– Ha, sr. abbade, gaguejou o João muito pallido, que eu venho pedir a v. sr.^a, que mande enterrar o meu filho dentro da igreja.

AROMAS CAMPEZINOS

– Endoideceste! Há mais d’um mez que elle se enterrou! Perdeste a cabeça!

– Oh! sr. abbade, pois o meu filho, um anjinho, sem peccados, ha-de ficar como um cão fóra da egreja, e o do Casilho, Deus lhe perdoe, um peccador como todos nós, ha-de ser mais que um innocente?

– Homem, vae com Deus, decididamente não estás em teu juízo. O teu filho a esta hora está pôdre, comido dos bichos, percebes? Se lhe mexesse era uma peste que ahi se levantava. Pôdre, ouviste? E, levando o lenço ao nariz, como se já lhe cheirasse mal, saiu da sachristia. Ao meio da egreja, voltou-se para o altar do Santissimo e ajoelhou um momento. Da porta recommendou ao sachristão:

AROMAS CAMPEZINOS

– Que, depois de arrumar tudo muito bem, fechasse a igreja e lhe levasse com as chaves os livros que tinha deixado em cima do arcaz.

Fóra, caia a chuva em grossas gotas. A porta da residencia estrondeou com força; era o abbade que entrava. João, resolutamente, foi-se ao guarda-vento, pegou na enxada, e, muito serenamente, como se fôsse fazer a coisa mais simples d'este mundo, participou ao sachristão que ia enterrar o filho na igreja.

– Cruzes, canhoto! Não que eu ouvi o sr. abbade. Vou já dizer-lh'o.

João recuou um passo, passou a enxada para o lado direito, estendendo-a a todo o comprimento do cabo, que segurava com ambas as mãos, e ameaçador, com a cara completamente transformada, os olhos pregados no sacrario,

AROMAS CAMPEZINOS

defronte do qual ardia escassamente a luz da lampada de cobre, mordida pelo verdete, bramiu como uma fera:

– Tão certo como estar ali nosso Pae, se dás um passo, escacho-te de meio a meio! E muito tranquillo, debruçou-se sobre uma sepultura, arrancou-lhe a tampa, e depois, de pé, com a sua enxada, principiou a abrir a cova. O sachristão, tremendo como varas verdes, olhava aterrado para elle. Sabia que era homem decidido; e, n'aquelle momento, lembrava-se de o ter visto um dia, havia muito tempo, quando conversava a Engracia, varrer a feira na villa, com o seu varapau ferrado, só porque uns esturdios lhe tinham dirigido umas graçolas pesadas. João do Eido, todo entregue á sua faina, nem sequer reparava n'elle. Feita a cova, endireitou-se, e no cabo da enxada,

AROMAS CAMPEZINOS

encostado á perna, marcou um palmo acima do joelho, a altura do seu Manuel!

Curvando-se de novo, ajustou a medida. Estava exacta. Ao dirigir-se para fóra, reparando no sachristão, repetiu-lhe:

– Se tentas sair, estendo-te á porta como um tordo.

Deixara de chover; o sol iluminava alegremente o valle; as gotas da chuva faiscavam nas folhas das arvores; os melros esvoaçando nos silvados, assobiavam contentes, e lá do fundo das eiras, subiam repetindo-se n’um echo distante, as cantigas afinadas das raparigas do campo. Com muito cuidado, como se descobrisse um thesouro encantado, João do Eido desenterrava o filho. Descoberto o caixão esfarrapado, lançou-se de gatas, tirando com as mãos a terra que o prendia

AROMAS CAMPEZINOS

dos lados. Quis abril-o; mas não teve animo. Pegou no caixão, que se desconjunctava, achegando-o contra o peito, e entrou na egreja muito curvado, com a cabeça quasi encostada a elle. Ajoelhando-se á beira da sepultura que abrira, depositou n'ella o seu thesouro. Com as mãos encheu a sepultura de terra, depois puxou a tampa assentando-a levemente com meiguice e ali se deixou ficar de rastos a chorar!

O sachristão, que ao vel-o entrar suffocara um grito de pavor, encontrava agora animo de ir avisar o sr. abbade. De vagar, pé ante pé, saiu da egreja recuando. Instantes depois entrava o abbade. Vinha apopletico, raivoso, disposto a fazer ir tudo pelo ar; mas ao ver aquelle homem rude, soluçando sentidamente, de rojo sobre a campa do filho que elle proprio enterrara, sentiu

AROMAS CAMPEZINOS

um grande abalo e pareceu-lhe que do altar a imagem de Nossa Senhora das Dores, traspassada de espadas, chorava realmente com os olhos fitos em tão desventurado pae! Acercou-se d'elle; e, pousando-lhe amoravelmente a mão sobre o hombro, disse commovido:

– Então, snr. João, então!

João do Eido, agarrando-se-lhe ás pernas, como quem implora perdão, exclamou:

–Ai! snr. abbade! até cheirava bem!

A CONFIDENCIA DA AVÓ

Desde que há quatro annos os padecimentos da avó se aggravaram por forma a não a deixar pôr pé na rua, mudou os seus quartos para o lado da casa que defronta com o Tejo. E, como tivesse de viver sempre entre as quatro paredes da sua sala, não houve conforto, nem requinte de elegancia, que á filha esquecesse na ornamentação d'aquelle carcere – como a avó lhe chamava.

Nas paredes forradas, desde a sanca do tecto até ao friso do roda-pé de madeira envernizado, por uma seda clara e salpicada de ramalhetes de flôres, sorriam em caixilhos de velludo miniaturas de familia, ao lado de severos relevos de marfim, emoldurados em ebano, e de floreiras reluzentes de Talavera e do Rato. Velhos

A CONFIDENCIA DA AVO

leques abriam as finas varetas rendilhadas de madreperola, desdobrando em semicirculos graciosos os pergaminhos pintados pelos delicados artistas do seculo desoito. Rendas caras e antigas, presas á seda das paredes por pequenas joias de valor, seguravam, n'uma disposição caprichosa, photographias estimadas. Um retrato a oleo da avó, tamanho natural, feito aos desesete annos, dominava toda a sala olhando com meiguice do fundo oval da larga moldura de madeira dourada, para o busto nú da netinha, executado em marmore e que do alto da sua columna de carvalho torneada espreitava curioso por entre as folhas iriadas das begonias, que estiolavam em vasos ricos da China e do Japão. Em cima d'um contador hispano-arabe

A CONFIDENCIA DA AVO

descansavam em attitudes scismadoras figurinhas de Saxe e de Sévres. Um piano coberto por uma colcha de setim azul bordada a matiz e cahida em curvas ondeantes cortava um dos cantos da sala. Um antigo tapete unido, oriental, de côres vivas e d'um desenho complicado abafava as passadas dos que entravam. Sobre o marmore d'uma consola dourada, de puro estylo Luiz 15, encimada por um espelho da mesma epocha, um relógio de bronze marcava as horas, tocando alegres minuets. No tecto pintado, representando um céu de outomno, fugia um bando de andorinhas. A seda dos reposteiros e das cortinas, um pouco mais escura que a das paredes, quebrava a monotonia dos tons claros dominantes. Mesas dos feitios mais differentes e cadeiras e sophás ferrados dos estofos mais diversos

A CONFIDENCIA DA AVO

enchiam a casa. Quando installaram a avó nos seus novos aposentos fartou-se de ralhar com a filha e com o genro:

– Aquillo era mais para uma noiva do que para uma velha caduca.

A filha então observava-lhe que não havia nada de novo:

– Eram tudo cousas antigas da casa; sómente no tempo da Mamam não as sabiam dispôr por forma a fazel-as realçar.

Mal conformada com tanta elegancia, ali passava os seus dias, sentada n'uma commoda poltrona ao lado da janella. Um reumathismo persistente e incuravel tolhera-lhe os movimentos. Não podia andar, mal podia mesmo mexer os braços. Logo de manhã cedo, as creadas, depois

A CONFIDENCIA DA AVO

de a vestirem, conduziam-n'a, impellindo a cadeira, ao pouso favorito.

A neta, no primeiro intervallo das licções, vinha assistir-lhe ao almoço. Depois, mais tarde, sabia sempre roubar uns momentos ao passeio e ás proprias horas da brincadeira para fazer companhia á avó.

Aquella doce velhinha, com o seu vestido negro e simples de viuva, com a touca preta a enquadrar-lhe o oval do rosto muito pallido, tendo nos olhos cansados, para cada graça da neta, lagrimas d'alegria, pagava-lhe com o mais entranhado amor, e, nos instantes que a tinha a seu lado, esquecia todos os soffrimentos! Não havia meiguice com que a não acariciasse, vontade que lhe não fizesse ou mesmo desejo que o seu coração de avó não adivinhasse. A pequena

A CONFIDENCIA DA AVO

tambem, com a facil intuição das creanças, sabia-a distrahir. Fallava-lhe das suas licções, d'um carrinho que a Mamam lhe ia encommendar para Paris e um *poney* que o Papá mandaria buscar á Inglaterra para ella no verão passear na quinta. E convidava-a para esses passeios, affirmando que para esse tempo já a Vó-Vó havia de estar bôa. E, quando se cansava de tagarellar ou de vêr as estampas das edições de luxo dos livros dispersos sobre as mesas, sentava-se ao piano como uma pequenina senhora e principiava a tocar as peças do seu infantil repertorio. Era a neta todo o seu encanto. Nas horas que passava sem ella, lia os seus livros favoritos e meditava essas leituras olhando para o Tejo. Se as aguas do rio tinham a côr azul dos olhos da sua neta e o sol cahindo em cheio prateava a esteira dos barcos que iam

A CONFIDENCIA DA AVO

singrando; se lá ao longe a curva da serra da Arrabida se desenhava nitida no claro céu e as casas do Seixal, Aldêa Gallega e Barreiro brilhavam como uma fita branca desenrolada á beira do rio; se os montes da outra banda, mais proximos deixavam ver na aridez do seu conjuncto as manchas verdes das modernas plantações, o seu espirito, reflectindo essas belezas, allava-se para as serenas regiões ideaes onde não ha desgraças, nem lagrimas, nem pesares e aonde tudo é alegria!

Mas, se pelo contrario, o vento soprando rijo do sudoeste, levanta em ondas as aguas do Tejo, negras das enxurradas cahidas dos montes distantes, fazendo jogar os pesados navios presos ás suas amarrações; se só de quando em quando passam os vapores de Belem e Cacilhas

A CONFIDENCIA DA AVO

despovoados na tolda e se apenas a vela d'um catraio atrevido se arrisca a affrontar a furia do temporal, e as nuvens carregadas de chuva escondem Palmella, S. Paulo e o monte de Cordova; se os negros montes da outra banda parecem prestes a esboroar-se sobre o rio arrastando na sua queda o castello de Almada e a torre esguia da egreja, então no seu espirito passam todas as recordações angustiosas da sua vida, as saudades crueis d'um tempo que passou, o irremediavel, o irreparavel, a fatalidade do destino, e assusta-se, confrange-se-lhe o coração no seu seio decrepito, pensando que a sua querida nétinha, o seu amor, a sua vida, o seu enlevo, poderá vir ainda a ser mais uma victima innocente das illusões d'este mundo!

A CONFIDENCIA DA AVO

Por isso não pensa senão n'ella e tem medo que a mãe, que nunca soube senão o que era a felicidade, que casou com o homem de quem gostava perdidamente e que a merecia porque elle proprio era honrado e bom e lhe queria muito, tem medo que ella não saiba evitar á filha os perigos da vida, por isso mesmo que os desconhece, porque nem sequer os presume! Com o genro não conta, não é o homem, no seu entender quem educa, quem forma o coração da mulher. A excessiva delicadeza da sentimentalidade feminil necessita cuidados taes que só por uma mulher podem ser comprehendidos. Sendo o seu destino dominar, carece de ter o espirito formado de maneira a dominar-se a si, se porventura não consegue dominar o homem. Tal é o segredo das grandes virtudes. Saber perdoar e immolar-se!

A CONFIDENCIA DA AVO

Assim ella, se passa os olhos por toda a sua vida, não condemna o marido que não soube fazer-se amado, sacrificando a amores faceis a felicidade do seu lar. Esqueceu as offensas recebidas e pela fortaleza do seu proceder encontra agora, na tranquillidade da sua consciencia, o premio de todos os seus sofrimentos. Padeceu o seu orgulho, mas triumphou a sua virtude. Convencendo a sociedade que ignorava todos os desgostos que o marido lhe dava, evitou assim a sua humilhante compaixão. Agora só desejava viver até á idade de poder prevenir a neta contra os riscos da vida. Era essa toda a sua ambição.

*

* *

A CONFIDENCIA DA AVO

Como a neta ia completar treze annos para Agosto, combinou-se que no dia trinta e um de Maio faria a primeira communhão em S. Luiz. A avó, apesar do seu estado de saude, quiz preparar a neta para o grande dia. A partir do primeiro de Maio diminuíram á pequena as horas das licções. O tempo assim ganho passava-o com a avó. Eram as cartas de Monsenhor Gaume, lidas pela neta e commentadas com uma tocante simplicidade pela avó, que pouco a pouco iam iniciando aquelle espirito no sacramento por excellencia da religião catholica. Algumas vezes fazia-lhe tambem uma pequena pratica tomando por thema uma pagina do livro da infancia christã da condessa de Flavigny. E era de ver, como de dia para dia, a neta ganhava em compostura e interpretava com claresa as palavras das piedosas leituras. Assim,

A CONFIDENCIA DA AVO

quando chegou o momento de fazer o seu retiro nas irmãs de caridade, tinha inteira consciencia do acto que ia praticar. Na vespera da communhão, ao chegar das irmãs, pediu perdão a todas as pessoas da casa das faltas commettidas, e foi deitar-se anciosa pelo momento de receber a sagrada hostia que contém o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Logo de manhã cedo estava acordada. Depois de dizer as rezas da manhã e de se reconciliar com Deus, saltou abaixo da cama e principiou a vestir-se. Quando a creada chegou, e pouco depois a mãe, estava quási prompta. Tinha já o seu vestidinho branco de cassa, simples e liso sem um unico arrebique. A mãe poz-lhe a touca atada na frente por duas fitas estreitas e pregou-lhe o veu. Estava um encanto! Beijou-a na testa e tomando-

A CONFIDENCIA DA AVO

lhe a mão levou-a ao quarto da avó, que a apertou nos seus braços enternecida e a chorar!

Assim abraçadas uma á outra, faziam pensar nos destroços d'um navio coberto de flocos de espuma e prestes a naufragar!...

Realmente a avó estava mais abatida, tinha-se cansado com o trabalho a que se dera durante todo aquelle mez. As forças diminuiam a olhos vistos, passando horas inteiras cahida n'uma grande prostração, e, chegando até o proprio medico, que havia muito a tratava, a receiar um fim proximo. Entretanto n'aquelle dia estava mais animada. Emquanto a neta não chegava de S. Luiz, foi dispondo sobre a bancada, collocada diante de si, os numerosos presentes que tinha para lhe dar. Entre todos sobresahia uma lindissima cruz d'ouro fosco sobre a qual agonisava um Christo

A CONFIDENCIA DA AVO

artisticamente burilado pregado com cravos de diamantes e com os espinhos da corôa representados tambem por pequenas lascas de brilhantes.

No verso da cruz lia-se em esmalte azul a data d'aquelle dia. Mal a neta entrou, deu-lhe logo todos os presentes, perguntando-lhe se tinha pedido a Deus por ella.

– Que pergunta Vó-Vó?!

E, lançando-se-lhe ao pescoço, cobriu-a de beijos, agarrando depois nos presentes que foi doida de alegria mostrar aos Paes.

A avó ficou só, olhando para o Tejo, que, n'aquelle momento, reflectia as nuvens de trovoada grossas e pesadas, que corriam pelo ar, e lembrava-se com tristeza do dia da sua primeira communhão!

A CONFIDENCIA DA AVO

Tirou do seio uma cruz bem singela e que notavelmente contrastava com a que acabada de dar á neta. Beijou-a commovida. Era a da sua primeira communhão. Quantos annos tinham passado!... Relanceando o olhar em volta de si, toda aquella elegancia lhe fazia recordar com saudade o seu quarto despido e nú de rapariga! Depois, e á medida que de memoria folheava o livro da sua mocidade, só o nascimento da filha lhe sorria. Mais nada. Os gosos da velhice esses compensavam bem os soffrimentos do passado. Via a filha feliz e tinha a sua queridissima neta! Mas em toda a sua existencia sentia um vacuo immenso e indefinido, que agora a perseguia como um remorso! Afflicta inquiria a consciencia e não se percebia culpada! E foi assim, phantasiando escrupulos, que passou aquella

A CONFIDENCIA DA AVO

compridissimo dia tão ardentemente desejado!
Com as sombras da noite mais funda se lhe tornou
a tristeza. Para se illudir mandou que lhe
accendessem todas as luzes da sala. Era um dia
alegre, queria tudo alegre em volta de si!...

*

* *

Quando á mesa se servia o Champagne, o pae
lembrou irem todos fazer uma saude á avó.
Entraram os tres. A neta ia adiante. Ao chegar
defronte da avó, olhou para traz com ar de quem
ordena que lhe sigam os movimentos, fez uma
mesura muito de senhora, e, levantando o copo,
exclamou:

– Á saude da minha querida Vó-Vó!

A CONFIDENCIA DA AVO

A avó, enternecida, beijou-os a chorar. Que eram muito bons para ella, que morreria, quando Deus quizesse, feliz, contente e satisfeita!

– Ninguem falla aqui em morrer – acudiu o genro; e, passando os dedos pelos cabellos macios da filha, acrescentou:

– V. Ex.^a ha-de ainda assistir-lhe ao casamento.

A avó abanou tristemente a cabeça.

– Não gosto nada de vêr a Vó-Vó chorar!

– Não é chorar... é alegria! Vae tu acabar de jantar com teu pae enquanto a Mamã fica um instante a enxugar-me estas lagrimas.

Apenas os dois sahiram, pediu á filha que se sentasse ao seu lado, e, como quem se confessa, principiou:

A CONFIDENCIA DA AVO

– Vae talvez parecer-te estranho tudo quanto vou dizer-te. Um pressentimento porém diz-me que morrerei cedo.

A filha, que ia a interrompel-a, retrahiu-se a um gesto da mãe.

– Então, quando a morte se avisinhe, é possível que as forças me falleçam. Mais vale aproveitá-las agora, e tira do que vais ouvir a lição que eu aprendi para assegurar a tua felicidade. Que ella te sirva para a minha querida neta.

Filha unica, como tu, nunca ninguem me contrariou nem nos mais insignificantes appetites. Como era rica, quando aos dezoito annos teu pae, que era rico tambem, me pediu em casamento, consentiram porque era esse o meu desejo. Casei muito nova, bem vês. Passado pouco tempo, facil me foi reconhecer que ambos nos tinhamos

A CONFIDENCIA DA AVO

enganado. Não nos amavamos. Deus, porém, misericordiosissimo, concedeu-me a tua existencia para me consolar do isolamento a que a fatalidade do destino me tinha condemnado. Nem por sombras culpo teu pae. Sempre o considerei tão infeliz como eu, e se os negocios da tua casa te levaram um dia a saber, por teu marido, que elle teve uma vida de dissipação, não queiras mal á sua memoria. Procurava apenas estontear-se com o pleno direito que a facil moral da sociedade dá aos homens. E, como eu, tambem te queria muito. Que lhe guardei a fidelidade que toda a mulher bem nascida deve ao seu marido, escuso dizer-t'o. Mas não te devo esconder que, emquanto estes cabellos não embranqueceram, e pouco tempo levou, mercê de Deus! senti no meu amargurado coração a ardencia de desejos ideaes a que me não era dado

A CONFIDENCIA DA AVO

nem sequer aspirar! Esse crime, se o é, cometti-o phantasiando na solidão do meu viver todas as venturas que o amor correspondido entorna nas almas dos eleitos do Senhor e que para mim passaram como fructo prohibido! Porque soffri extraordinariamente, é que só te deixei casar, depois de bem certa da tua inclinação por teu marido. Receiava que te illudisses como me succedeu a mim!

Não vejas, filha, n'estas lagrimas mais que a dôr de não ter sabido amortalhar o meu coração com a primeira desilusão da vida!

E chorava como a Magdalena arrependida, ella que não tinha um peccado na sua consciencia impolluta! A filha chorava tambem; e, ao vêr aquella velhinha fallar assim do amor, não despegava os olhos do grande retrato suspenso da

A CONFIDENCIA DA AVO

parede, e intensamente iluminado, que representava a mãe nova, na força da beleza, com um sorriso de meiguice a brincar-lhe na bocca, esperando a cada momento vê-la, desprendida da tela em toda a plenitude da formosura e da mocidade, abraçada a si, continuar-lhe ao ouvido a confiança da avó!..

QUADRO INCOMPLETO

QUADRO INCOMPLETO

Era em fins de outubro. Eu chegava a Lisboa farto dos mezes de verão passados no campo e á beira-mar. No ceu claro d'outomno o sol resplandecia triumphante entornando a viva luz doirada dos seus raios por sobre a casaria, as ruas e as praças da cidade, dando ás aguas do Tejo, serenas e tranquillias, o tom azul e faiscante d'uma saphira preciosa. Tudo me parecia mais bello. A linha do Aterro perdendo-se ao longe, para o lado da barra, na torre de Belem, desenhava-se nitida em curvas imprevistas, suaves e graciosas, de que eu nunca tinha dado fé. O rio parecia-me mais povoado e as casas da outra banda, batidas do sol, sorriam nos montes, alegrando-os com as

QUADRO INCOMPLETO

frontarias caiadas de novo. As ruas pareciam-me mais largas, as praças mais vastas, o movimento maior e até as mulheres que se cruzavam no meu caminho, todas, sem excepção, se me afiguravam encantadoras e irresistíveis. Eram as saudades soffridas em cinco longos mezes de ausencia que me faziam ver tudo mais formoso. E eu sentia dentro em mim a ancia de matar essas saudades, de correr todos os sitios predilectos, como se a cada esquina e a cada canto me esperasse o doce e carinhoso olhar de uma mulher amada ou tivesse de encontrar um amigo querido, um companheiro das raras horas de despreoccupada alegria, que tão de longe a longe nos esmaltam a existencia. Mas, á proporção que ia seguindo, desvanecia-se o encanto. E no meu espirito surgiam intensas, vibrantes de realidade, as recordações

QUADRO INCOMPLETO

angustiosas, as magoas fundas, as dôres sangrentas, soffridas aqui no decorrer dos annos e até o cahir das illusões, ligeiras nuvens iriadas pelo sol da phantasia, que tanto amamos, e que se desfazem rapidas, deixando-nos na alma a pena viva d'um prazer nunca gosado!...

Tudo entrava nas suas linhas habituaes. E já então me parecia que ainda na vespera tinha estado em S. Carlos, apesar dos cartazes das esquinas me annunciarem, com as suas letras enormes, a abertura do theatro para aquella propria noite. E' que, como no inverno que passára, eu via á porta da *Havaneza* as mesmas caras, e, da larga vitrine do centro, espreitarem de sobre uma cama de fetos meio murchos os sabidos ramos de violetas, botões de rosa e camelias, destinados a morrer nas botoeiras das

QUADRO INCOMPLETO

sobrecasacas dos frequentadores elegantes! E os grupos succediam-se os mesmos, desde a côrte do Napoleão e dos manos Focas, malandros emeritos encontados á cortina da egreja dos Martyres, até aos graves e sisudos conselheiros e titulares, que em cada dia, invariavelmente, fazem a sua estação de velho chic á porta do Magalhães.

Deixando o Chiado a discutir o merito e a bellesa das primas-donas que á noite deviam cantar pela primeira vez deante da platêa de S. Carlos, encontrei ao dobrar da rua de S. Francisco o meu excellente amigo X, o mais alegre companheiro que até hoje tenho conhecido. Tomei-lhe o braço e declarando-lhe que já não o largava, que iria jantar commigo, continuamos sem destino pela rua adeante. Com dous mezes que passára fóra de Lisboa jornadeando pelo paiz,

QUADRO INCOMPLETO

ora a pé, ora a cavallo, á antiga portugueza, a sua colleção de aventuras picantes augmentára prodigiosamente, e, repetindo-m'as, parava a cada instante rindo e gesticulando a ponto dos que passavam nos considerarem como doudos. Ao cabo d'algum tempo, vendo as horas no relógio, voltou-se para mim, dizendo-me:

– Como está escripto que terei de jantar contigo e o teu jantar não nos prohiu de ir a S. Carlos, vamos d'ahi a minha casa para que eu possa atar uma gravata branca e vestir uma casaca.

Fomos. Poucas cousas mais curiosas que a sua installação. Uma enorme sala com duas alcovas ao fundo communicando por uma porta. N'uma d'ellas a sua cama estreita de pau santo torneado: na outra todos os arranjos de toilette e de banho. Separa a sala das alcovas uma velha tapessaria

QUADRO INCOMPLETO

d'Arraz bastante esfrangalhada mas d'um tom geral de côres encantador. Na sala a mais singular das confusões, sómente, presidida por um tão aprimorado gosto artistico, que chega a não chocar vêr ao lado d'uma preciosa faiança do velho Delft, uma reles bilha de barro de Extremoz, e, dependurado d'um tropheu de espadas antigas de fina lamina e punhos trabalhados, o estojo de couro branco d'um binoculo de corridas.

Sentado n'uma poltrona, ao lado d'uma mesa coberta de livros, photographias, jornaes, cinzeiros, caixas de phosphoros, bolças de tabaco, cachimbos, charuteiras, cigarreiras, cartas, facas de cortar papel de todas as fórmãs e tamanhos, esperava o momento de vêr surgir o meu amigo de ponto em branco e irreprehensivel, de traz da tapessaria, atravez da qual o sentia mexer, abrir e

QUADRO INCOMPLETO

fechar gavetas, interrompendo a cada passo a anedocta que me repetia em voz alta para descompor o creado, que não atinava com os sapatos de verniz que elle desejava.

– Os outros, bruto! Os outros!

E dez vezes lhe ouvi esta invectiva!...

Depois de ter apparecido o undecimo par, o creado veio á sala trazendo na mão dous candieiros que collocou accesos, um sobre a banca a que eu me encostava, o outro com um reflector especial aparafusado á chaminé, sobre o capitel d’uma columna de carvalho. Seguindo a direcção do feixe de luz, deparou-se-me um quadro pendurado na parede e que eu não conhecia. Era um esquisso, mas um esquisso magnifico! Tinha chegado a vez de vingar o creado descompondo o amo.

QUADRO INCOMPLETO

– Então v. tem cá por casa, no meio de tanta porcaria, um quadro d’esta ordem e guarda segredo! Em lugar de te estar para ahi a dar atenção, teria aproveitado melhor o meu tempo admirando a arte e o talento com que isto é feito.

Realmente, havia muito que não tinha visto uma tela que me causasse tamanha impressão.

O ar circula em todo o quadro, passando á vontade por entre os ramos das arvores do primeiro plano; um estreito caminho, ladeado de muros de pedra solta e musgosa, segue a meio da encosta do monte, que desce em declive suave para a esquerda, d’onde irrompe risonha a fresca vegetação do vale. Ao fundo, muito ao longe, a montanha esbatida e apenas indicada com tintas macias, harmonisa-se n’uma perfeita justesa com o tom ardente do ceu, cheio de sol, d’um dia de

QUADRO INCOMPLETO

verão. Uma figura de mulher, ligeiramente esboçada, olha com curiosidade, encostada ao muro, para as bandas do vale; ao lado uma creancita, agarrando-se-lhe ás pregas da saia, descalça e em bicos de pés procura vêr tambem.

O meu amigo depois de me fazer notar pequenas minudencias, executadas com mão de mestre, accrescentou:

– E este quadro, que me devia dar tanto prazer possuir, ainda nem uma só vez olhei para elle que me não entristecesse.

– Como assim? perguntei admirado.

– Bem simples.

Accendeu uma cigarrilha, e, passeiando ao longo da sala, contou-me a seguinte historia.

*

* *

QUADRO INCOMPLETO

– Foi em Santo Thyrso n’uma locanda, onde me alojei oito dias, que conheci o Pepe Munôz, auctor d’aquelle quadro. Um bello rapaz franco e jovial, que, como eu, percorria o paiz, mas na sua qualidade de pintor, aproveitando bem o seu tempo. Paisagista de primeira plana, apesar de amator, apaixonou-se pelo Minho. Maravilhava-o o verde das arvores, o dourado dos milhos, a rudesza bravia dos penedos dos montes, a transparencia do ceu e a pureza da agua. Atrahidos talvez por uma similhaça de character, ao cabo de poucos dias eramos amigos. Combinamos fazer juntos o resto da viagem, acompanhando-me elle até aqui, onde, durante algum tempo, ficaria meu hospede. Na primavera iria por minha vez ter com

QUADRO INCOMPLETO

elle a Sevilha para fazermos a viagem da Andalusia.

Ao atravessarmos em cada manhã a villa, eu com os meus phantasticos trajes de caça, o Pepe carregado com todo o seu arsenal de pintor, havia um grande borborinho, assomando cabeças curiosas ás janellas e ás portas das casas. A garotada seguia-nos, chegando a ser necessário descer a ameaças para nos deixarem livres e socegados.

Abandonando-o á sombra do carvalho, d'onde elle pintava esse quadro, seguia á cata d'umas perdizes, muito falladas no sitio e que nunca consegui lobrigar. Ahi tens o *Stop* a attestal-o. Na volta, tornava a encontrar-me com o Pepe, recolhendo juntos para jantar. Jantavamos cedo. A' tarde, davamos um grande passeio, um passeio

QUADRO INCOMPLETO

da exploração de trez ou quatro horas. Santa e regalada vida! Se dura mais tempo até eu seria capaz de engordar!

E que deliciosos passeios. As margens do pequeno rio Ave, para onde iam de preferencia, são d'um pittoresco indiscriptivel. Imagina tu...

– Perdão, imagino muito bem, e tanto, que prefiro ouvir o resto da historia.

– Seja. O Pepe fallava-me, com o fogo e entusiasmo de que é capaz um hespanhol, d'uma rapariga adoravel, que durante as horas em que elle pintava vinha, acompanhada d'uma creança, guardar para o caminho uns bois que pastavam na encosta.

Bella rapariga! Alta, airosa e desempenada o que mais attrahia n'ella era a expressão de candura do seu rosto que notavelmente contrastava com as

QUADRO INCOMPLETO

linhas fortes e um pouco masculinas da sua figura. O olhar acariciava, e a bocca, fresca e vermelha como um medronho maduro, era um ninho de desejos. A creança era seu filho; era casada. Quantas vezes dizia eu ao Pepe. – Então roubamos a mulher ao selvagem ou não? – O Pepe ria mudando de conversa. Um dia apesar de extranhar que não tivesse esperado por mim, como tínhamos combinado, para vermos uma ermida que nos ficava no caminho e aonde nunca tínhamos ido, segui para a villa sem me preocupar demasiadamente com o caso. O calor abrasava e o *Stop*, esfalfado, seguia-me de lingua de fóra. Ao chegar á hospedaria perguntei pelo meu companheiro. Como já tivesse entrado fui direito ao seu quarto. Não sei dizer-te a afflicção e a agonia de que estava possuido. Os seus olhos

QUADRO INCOMPLETO

pretos e vivos lusiam humedecidos. Quasi não podia fallar; as palavras suffocavam-n'o. Contou-me com horror, fechando os olhos, arrependendo os cabellos, que duas horas depois de o deixar, um tiro, que um homem carregava na pedreira proxima, fizera explosão indo um estilhaço bater na cabeça da creança, que brincava deante da mãe e perto d'elle, arrojando-a com violencia ao chão e esmigalhando-lhe o craneo contra o muro! Elle ficara immovel, deixando cahir os pinceis e a paleta, ao ouvir o grito de dôr lancinante da mãe e ao vê-la de rastos, com o filho morto e ensanguentado seguro contra o peito, apanhar um a um os pedaços de craneo e a massa cerebral espalhada em pastas, pela terra. Quando, vencida a repugnancia do primeiro instante se aproximou, ella sentada e com o cadaver estendido sobre os

QUADRO INCOMPLETO

joelhos, procurava metter os bocados no resto disforme da cabeça da creança como quem concerta uma boneca! Ao dar com elle defronte de si sem chorar, serena e tranquillada mas com uma profunda magoa na voz, disse-lhe:

– Não o sei compôr. Sabe?

A pobre mulher tinha endoudecido.

Compreendi a excitação nervosa de que o meu amigo estava possuido. D'um lado para o outro, sem atinar com cousa nenhuma, arranjava as malas a trouxe mouxe. Resolvera partir n'aquella mesma tarde. Nem sequer o tentei dissuadir. Até agora – dizia-me – pintava para me distrahir, agora nem sequer esse recurso me resta. Não tornarei a pintar. A si que tanta sympathia me deve deixo-lhe o meu ultimo trabalho. Sempre que olhar para elle recorde-se de mim.

QUADRO INCOMPLETO

No momento da partida levou-me para um quarto mais escuro da casa onde fingiramos que tínhamos jantado e entregou-me um cartucho de libras, pedindo-me que o fizesse chegar ás mãos da desventurada mãe.

– Estaria o teu amigo apaixonado por ella!

– Não sei, ignoro mesmo se quebrou o juramento ou se na realidade atirou por uma vez a paleta pela janella fóra. O que sei é que ha dias recebi d'elle uma carta, datada de Roma, entusiasmado pela escola italiana e na qual nada transparece da tragica scena de Santo Thyrso, apenas n'um *post scriptum* me pergunta indifferente:

– *Sabe Usted algo de la pobre loca?...*

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

O mez de junho corria quente. O calor abrasava. Ninguém queria mesmo pensar o que seria o mez de julho. A natureza cansada de ouvir que estavam mudadas as estações, que já ninguém se entendia, deliberara pôr tudo nos respectivos eixos. Era um verão a valer, um verão de estalar, um verão dos antigos tempos. Ninguém andava contente. Todo o mundo se queixava em tressuadas lamentações. Os que podiam faziam as malas e fugiam para o campo a procurar na sombra das arvores o fresco que Lisboa, apesar do Tejo, afincadamente lhes negava. *Mimi*, delicada como uma flôr de orchidea, perdia com os repentinos calores as roseas tintas desmaiadas, que os primeiros dias de

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

primavera lhe costumavam emprestar ás bochechinhas desbotadas. Vestida de branco, a sua carita fazia pensar n'um jasmim emergindo do calice d'uma açucena. Era forçoso sahir de Lisboa. Os medicos tinham posto de parte a ideia de Cintra. Os continuos nevoeiros da serra não convinham á delicada saude da encantadora *Mimi*. Aquelles seis annos, para que fructificassem, necessitavam d'uma temperatura doce e igual sem humidades excessivas. Foi então que o avô lembrou a sua casa do Giestal. Em circumstancias normaes sabia que nem o filho nem a nora o attenderiam; mas como não podiam ir para Cintra, e, aquelles mezes no Giestal não impediam a temporada de Cascaes, apesar da friesa que encontrava em volta de si, não descansava de celebrar em cada dia, emquanto se não tomava uma resolução, as virtudes dos

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

sadios ares da provincia. Nunca ali ninguém tinha adoecido pretendia, e, sorria sobretudo ao seu desculpavel egoismo de velho a ideia de tres tranquilos mezes passados na antiga casa dos seus maiores, na carinhosa intimidade dos seus filhos e da sua lindissima neta. Depois do seu casamento nunca mais voltara a gosar um verão no seu velho solar. Que de recordações ali o esperavam?!... Com que saudade relembriaria os decorridos tempos da sua despreocupada mocidade!...

Como cada dia se tornava mais necessario evitar á *Mimi* os calores doentios de Lisboa, e uma manhã a mãe tivesse descoberto olheiras mais fundas, nos olhos claros da filha, fizeram-se á pressa as malas e partiu-se para o Giestal. O avô fez a fez a viagem contente como um

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

collegial, e, ao acordar de madrugada na carruagem do caminho de ferro, ainda lhe parecia que sonhava; mas deparando com a neta adormecida sobre uma almofada tendo nos lábios infantis o sorriso encantador d'um sonho côr de rosa, beijou-a cautelloso e atravez dos olhos humedecidos viu ao longe na nevoa da manhã, que encobria o cimo das arvores, a miragem fugitiva do tempo feliz em que moço, alegre e namorado, se debruçava tambem sobre o berço d'uma creança que era o seu filho... E sentia-se remoçar não despegando os olhos da neta, que voltaria do Giestal forte e robusta como uma creança do campo creada ao sol, ao vento e á chuva, no contacto constante da rija natureza. Era a saude da *Mimi* a sua continua preocupação. Ella nascera pequenina e infesada, alguns annos

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

depois do casamento dos paes, tão pequenina que, nos primeiros tempos, mal se percebia ao colo da ama, coberta como andava com os compridos vestidos de renda. Depois foi crescendo, mas sempre tão franzina, que só tarde principiou a andar. A mãe, afflicta com a fraquesa da filha, mais contribuia, com os seus excessivos cuidados, para o moroso desenvolvimento d'aquella debil organização. Em casa, mal a *Mimi* entrava n'uma sala, fechavam-se logo todas as vidraças e corriam-se os reposteiros das portas. Ao jardim só ia quando as folhas das árvores nem sequer mechessem. E no coupé, passeiando com a mãe, apenas se descia um dos vidros, um instante, á porta do *Baltresqui*, para que a *Mimi* escolhesse o mais appetitoso bolo. O pae tentava em vão reagir contra semelhante hygiene; a mãe porém,

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

julgando ainda poucos todos os cuidados, illudiao, asseverando-lhe que a *Mimi* passava horas inteiras no jardim a brincar com a *bonne*, uma francesa que tinham mandado vir para creada pequena; mas o certo era que a pobre *Mimi* continuava sempre vivendo na tepida atmospherá dos quartos fechados, sobre tapetes macios, na entorpecedora convivencia de bonecas caras! Creanças tinha-as visto uma vez, n'um entrudo, n'um baile infantil, no salão da Trindade, atafuhlada ella propria n'um costume vistoso de lavradeira de Afife! A' falta de sol, de luz, estiolava como uma flôr do campo transplantada n'um vaso do Japão e repentinamente mettida, por largo tempo, n'uma sala ás escuras.

*

* *

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

A estada no Giestal foi para a *Mimi* uma salvação. Como o pae ali não tivesse nem o Turf-club, nem S. Carlos, nem o Gremio, nem o Chiado, nem o *mundo*, tudo emfim que em Lisboa constitue uma occupação para a ociosidade elegante, elle pôde em cada dia consagrar-se inteiramente á sua encantadora filhinha. E foi assim que se consolou das saudades que nos primeiros dias sentia de tudo isso e do Pateo do Victor, dos Pisões, de Seteaes, dos passeios pelas serras, das caminhadas até Monserrate pela estrada de Collares, na sua Cintra tão querida para onde, em cada anno, costumava ir passar os tres compridos mezes de verão. Se não fosse o seu bom senso aquelles mezes de campo teriam sido para elle um verdadeiro supplicio. A mãe não

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

consentia que a *Mimi* descesse ao jardim sem a agasalhar como se se estivesse nos dias mais frios de inverno, e, além do enorme chapéu de palha que a cobria como um tortulho, eram sem numero as recommendações á *bonne* para que levasse o guarda sol sempre aberto de maneira a abrigar a pequena dos raios do sol. Isto nos curtos passeios, ao fim da tarde, á sombra das cerejeiras copadas e abraçadas pelas vides, que ladeavam o estreito caminho, por entre os campos, que ia dar á bouça. Como depressa o pae tivesse comprehendido que não seria facil convencer a extremosa mãe do que mais convinha fazer para a saude da *Mimi*, deixou-se de discutir, e, com o pretexto de acompanhar a filha, a primeira cousa que fazia, ao sahir o largo portão do pateo, era tirar-lhe todos os casacos e chales com que a mãe a atabafara,

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

atirando-os para dentro do muro do laranjal, onde a *bonne* para os ir buscar, tinha de dar uma comprida volta para não ser vista de casa. A *Mimi*, nos primeiros tempos, cansava mesmo antes de chegar á bouça. O pae então fazia-a sentar sobre as pedras musgosas, e, para a distrahir, apanhava flores do campo que lhe atirava para o regaço; ella, habituada aos estofos, sentava-se desconfiada vingando-se com phrenesi nas petalas vivas das flores que desfolhava com crueldade. Se um melro, assustado, fugia, assobiando jovial de entre o silvado, a *Mimi*, atemorizada, dava um grito e chorava! O pae, com uma grande paciencia, contava-lhe enternecedoras historias dos passarinhos, historias que elle inventava, que eram os grandes amigos dos lavradores a quem limpavam as searas, e das creanças que, quando

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

eram bonitas e boas, lhes vinham pousar nas mãos muito contentes e alegres a cantar! A *Mimi* abria os olhos espantada e já queria um melro, um pintasilgo, um verdilhão, que era bonita e boa!

Com os passaros habituara-se cedo; mas com os mansos bois pacíficos que ao cair da tarde desciam vagarosos o caminho da deveza, onde pastavam, para beber na poça em antes de recolher, foi bem mais difícil. Por mais que o pae lhe pegasse ao collo e a levasse junto dos bois, ella não era capaz de se habituar á vista d'aquelles *monstros*, eram sempre os mesmos gritos, o mesmo choro. Um dia, porém, o pae fez notar á *Mimi* que a pequena que acompanhava o gado teria quando muito dous dedos d'altura mais do que ella; que era uma vergonha para uma menina da cidade ser menos do que aquella rapariguita do

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

campo; e chamou a Maria para se pôr ao lado da *Mimi* para que visse bem que eram quasi da mesma altura. A pequena aproximou-se macambusia e agarrando da mão da *Mimi* disse-lhe resoluta:

– Venha commigo, menina. Os boisinhos não fazem mal.

A *Mimi* deixou-se arrastar até junto da poça, onde a Maria, mettendo-se por entre os bois, os principiou a affastar batendo-lhes com a sua pequena mão espalmada e exclamando esganiçada:

– Arreda malhado! Safa d’ahi *marello*!

Desde aquelle dia, nunca mais a *Mimi* teve medo dos bois que encontrava pelos atalhos. Pouco a pouco foi perdendo todos os sustos que a torturavam. E agora, com grande espanto da mãe,

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

já descia sósinha as escadas de pedra sem medo dos cães de guarda que ao vel-a accudiam do pateo aos saltos, ganindo de contentes, agitando os rabos para a festejar! Ao fim d'um mez operara-se uma transformação completa n'aquella criança. Era outra. A *Mimi*, que até vir para o Giestal, apenas debicava ás horas de comida, sentindo só appetite para os bolos que a mãe lhe dava ás escondidas, engulia agora gulotonamente a sua assorda do primeiro almoço, o que a não impedia de devorar, algumas horas mais tarde, um substancioso bife e de comer de tudo ao jantar sem nada lhe fazer mal. Crescia, robustecendo-se a olhos vistos e nas bochechas, antes desmaiadas, accendiam-se as sanguineas côres da saude, tão vermelhas como os cachos redondos da madressilva dos campos que principiam a

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

amadurecer quando as suas brancas flores de inebriante perfume cahem emurchecidas no chão dos caminhos!

A mãe, ao vel-a em cada manhã mais forte ainda do que na vespera, sem confessar a sua culpa, depunha enternecida um beijo na testa do marido e prometia ao avô, que exultava de contente, voltar para o anno muito mais cedo, logo depois dos primeiros dias de primavera. A *Mimi* era emfim feliz, sujando durante o dia bibes sem conta, brincando com a terra, lambusando-se com as amoras dos silvados, chafurdando na beira da poça com os filhos do caseiro, um rancho de crianças quasi todas do mesmo tamanho, sempre muito sujas e de quem a *Mimi*, no começo, se afastava com visiveis nauseas de enjôo no seu narisito arrebitado.

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

*

* *

A *Mimi* jantava todos os dias sósinha, ás quatro horas da tarde, na vasta sala de jantar. A mãe, o pae e o avô, vinham fazer-lhe companhia gosando de a ver tasquinhar, com os seus dentes miudos, a carne que ella em Lisboa não consentia nem sequer em cheirar. Depois sahia com a *bonne* a dar um largo passeio pela devesa fóra. As mais das vezes iam até á pequena igreja da freguesia que ficava no cimo do monte.

Uma tarde, n'um d'estes passeios, tomaram outro caminho e passaram rente do cemiterio, um cemiterio d'aldeia construido havia pouco, cercado por um muro baixo sobre o qual corria

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

uma grade de ferro. As ruas areiadas, os talhões cobertos de relva e os cyprestes esguios ainda muito pequenos, fizeram crer á *Mimi* que estava defronte d'um jardim, tomando o unico jazigo de marmore branco que se erguia altivo no meio d'aquella simplicidade – e que era a ultima morada d'um commendador ricaço da freguezia que fizera a sua fortuna no Brazil – por um gracioso kiosque de recreio! A *bonne* teve de lhe explicar o que era um cemiterio, farendo-lhe notar as pequenas cruces de pau dispersas pelo chão, e, acrescentou que era ali que enterravam os que morriam!

A *Mimi*, abrindo desmesuradamente os olhos, insistia com perguntas:

- Quem fazia as covas?
- Quem deitava depois a terra em cima?

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

E a *bonne* referia que era o coveiro; mas que era bom homem porque era elle quem assim trazia tratado o cemiterio ao ponto da *Mimi* o ter confundido com um jardim!

A *Mimi*, embeserrada, agarrando-se ás pregas da saia da *bonne* veio-a afastando do cemiterio e nos seus olhos muito abertos liam-se-lhe os sustos e os terrores dos primeiros tempos do Giestal em que ella tremia de tudo! A *bonne* sem reparar, como ella não papagueasse, cantava-lhe as canções suas predilectas – *Le petit navire, le pont d'Avignon*. E assim foram indo tomando pelo potello da encosta. O sol escondendo-se como uma roda em fogo por detraz dos montes distantes dourava atravez da nevoa opalina que subia lenta do valle, a crista dos pinheiros da devesa. Como o passeio tinha sido mais longo que o costume

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

assentaram-se, para descansar, sobre um penedo raso que uma velha carvalheira abrigava. A *Mimi*, já distrahida, apanhava as landes ainda verdes que o vento fizera cahir quando a *bonne*, mostrando-lhe um homem que se encaminhava para ellas pelo carreiro fóra, lhe disse que era o coveiro. A *Mimi* olhou cheia de espanto; mas assegurando-se bem que era um homem como qualquer outro, deixou cahir a abada de landes que tinha no bibe e a correr foi direita a elle, e, tomando-lhe o passo, ergueu as mãos em súplica gaguejando chorosa:

– Olhe, senhor, quando eu morrer não me deite terra em cima da cara. Não?...

O bom do homem, passando-lhe as rudes mãos pela carita mimosa socegou-a; que ella não morreria; que não havia de ser elle quem a enterrasse; que muito primeiro o haviam de

O DERRADEIRO SUSTO DE MIMI

enterrar a si; e, quando d'ahi a muito tempo, muitos annos, ella porventura morresse, que lhe não deitariam terra na cara; que havia de ser com uma cal branca e fina, que lhe haviam de cobrir todo o corpo n'um caixão muito rico coberto de velludo e oiro!

Então a *Mimi* radiante, aos pulos, veio ter com a *bonne*, que já de pé a chamava sem poder atinar com a explicação d'aquella scena, e depois de lhe referir o que o coveiro lhe dissera, terminou accrescentando:

– *Si tu me promets qui ce ne sera pas avec de la chaux, mais avec la poudre de riz de maman qu'on me couvrira je n'aurai plus peur de rien!*

E foi realmente com esta tão simples promessa que se desvaneceu o derradeiro susto de *Mimi*.

A GUITARRA DO BRAZ

A' noite, mal a sineta da fabrica dava o signal de levantar o trabalho, o Braz enfiava á pressa, por cima da blusa azul muito lusidia do uso, a jaqueta de panno, pegava no chapéu e a correr, embrulhando nas mãos um cigarro, ia encostar-se ao parapeito da ponte de Alcantara á espera da Gertrudes, que á mesma hora despegava do trabalho na fabrica de tecidos em Santo Amaro. Os vadios do sitio, os trabalhadores, os marujos, que ao escurecer se juntavam ali, já o conheciam, e, apenas o viam desembocar na rua da Cruz, diziam uns para os outros, com ar de troça:

- Lá vem o *gajo*, e a *gaja* é que não tarda uma *loja de barbeiro!*

A GUITARRA DO BRAZ

Effectivamente a Gertrudes era sempre das primeiras a passar as portas. Ao sair da fabrica separava-se das companheiras, que aos grupos, rindo e conversando, se demoravam pelo caminho. O Braz apenas a avistava embrulhada no seu chaile de lã, saía-lhe ao encontro e ao seu lado, muito preso da luz dos seus olhos meigos, da sua voz que lhe saía arrastada da bocca pequenina, acompanhava-a invariavelmente, todas as noites, até á rua das Trinas, onde a Gertrudes o despedia pretextando – que o pae já estava em casa, que era muito desconfiado, que nunca mais a deixaria voltar só da fabrica, se os visse juntos. O Braz apertava-lhe as mãos e deixava-se ficar até que ella desaparecia lá em cima, na esquina a rua. E voltava triste para casa, repetindo as palavras que lhe ouvira.

A GUITARRA DO BRAZ

Ella morava n'uma casa terrea ao lado da fabrica de estamparia. Teria então os seus vinte annos, e todas as suas recordações se prendiam áquella casa onde vivia desde creança com a avó, uma santa mulher que lhe queria como ás meninas dos seus proprios olhos! Dos paes nada sabia, só se lembrava vaga e confusamente d'uma scena terrivel de lagrimas n'uma desordem de policias, de gritos, de apitos e de soldados da municipal. Um domingo, já depois de homem, tentou arrancar á avó essa historia que elle presentia se ligava com o desaparecimento dos paes. Era uma tarde de dezembro. De quando em quando a chuva caía em grossas bategas lavando as pedras da calçada, escoando-se pelas valetas. A intervallos apparecia o sol, um sol de inverno baixo e frio mas muito claro que enchia de brilho as gotas, que

A GUITARRA DO BRAZ

compassadamente continuavam a cair dos beiraes dos telhados. Com os raios do sol o canario animava-se dobrando o canto, e saltava contente de poleiro para poleiro na sua gaiola de arame, suspensa da verga da unica e estreita janella de peitoril que allumiava toda a casa. Sentados á banca depois de jantar, o Braz olhava pela porta aberta para a agua que corria nas valetas e recordava-se com saudade do tempo em que, garoto ainda, muito pequeno, antes de entrar para a fabrica, se divertia improvisando barcos das folhas seccas das arvores, e os seguia, mettido na enxurrada, até se sumirem pelas boccas esboroadas das sargetas! A avó, do outro lado da estreita meza, com os cotovellos fincados sobre a toalha, lavada d'aquelle dia, com a cara rugosa apoiada entre as mãos enregeladas, se desviava os

A GUITARRA DO BRAZ

olhos do neto era para os fixar na estampa da Virgem, pregada com quatro taxas na parede fronteira e que de lá lhe sorria accenando com o menino Jesus amoravelmente seguro contra o seio! Tinha feito do seu Braz um homem. Era feliz. E essa alegria disfarçava a sua velhice com um veu de mocidade. Como na rua passasse um pequeno chorando com o fato molhado muito unido ao corpo e tolhido de frio chamasse pelo pae, pela mãe, n'uma voz tremelicante cortada pelos soluços, o Braz, apiedando-se da desprotegida creança, exclamou:

– Coitado!

E em seguida encarando a avó, accrescentou:

– Nunca me fallou dos meus paes. Ande, madrinha diga-me tudo; no fim de contas não sou um engeitado.

A GUITARRA DO BRAZ

A pobre velha empallideceu como se lhe tivessem dado uma facada. Quiz fallar e não pôde; apertara-se-lhe um nó na garganta. Estendeu os braços lançando-os ao pescoço do neto, e, com a cabeça pendida sobre o proprio hombro, chorou por largo tempo n'um grande desafogo. O Braz afflicto ameigava-a; quando a viu mais socegada, como se realmente tivesse ouvido toda a historia, perguntou baixo como quem se arreceia da resposta:

– Então foi o pae quem teve a culpa?

– Sim, foi teu pae; a mãe não o quiz deixar. Lá foram ambos...

O Braz, mudando de tom e de conversa, satisfeito esforçava-se por fazer esquecer á madrinha o que tanto a atormentava. Sentia-se alliviado. Tendo vivido sempre no aconchego das

A GUITARRA DO BRAZ

saias da avó, sem a convivencia d'um homem e trabalhando na fabrica ao lado de mulheres, repugnava-lhe ao seu coração que fosse a sua propria mãe quem tivesse arrastado a desgraça áquella casa. Como fôra o pae, a coisa era outra. Só as mulheres eram bôas. A avó era uma santa, a Gertrudes um anjo. E esta maneira de pensar explicava o seu character. Impressionavel mas irresoluto, timido e passivo, deixava-se levar como uma criança. Assim se alguma vez se atrevia a insistir com a namorada para a acompanhar a casa, depressa se convencia com qualquer desculpa, a ponto de não saber mesmo a rua onde ella morava. Por isso nos dias santos não a via. Deixava-se ficar por casa a pensar no seu amor. A avó, que ignorava a paixão do neto, ralhava-lhe por elle não sair:

A GUITARRA DO BRAZ

– És mesmo um bicho de matto!

E sem comprehender que com os seus sustos de mulher infeliz, as suas pieguices era ella a causa inconsciente da vida que o Braz fazia, acrescentava:

– Não que nem sequer tens um amigo.

O Braz não replicava, deixava-a dizer. N'essas occasiões tinha desejos de fallar na Gertrudes; mas não se atrevia.

Havia mezes que durava este namoro. Uma noite, porém, ella não appareceu. As companheiras passaram aos magotes pelas portas de Alcantara alegres e contentes, animando o sitio. O Braz, com os olhos esgasiados, procurava em vão a Gertrudes. Pouco a pouco tudo aquillo foi caindo n'uma grande solidão. De longe a longe parava um americano. O conductor gritava –

A GUITARRA DO BRAZ

Alcantara. Um ou outro passageiro apeava-se. Em cima, nas companhias da municipal e no quartel dos marinheiros, as cornetas tocavam melancolicamente a silencio; sómente nos cafés de Alcantara saíam em notas estridentes os compassos de velhas valsas tocadas em pianos desafinados. O Braz, fóra de si, fez n'aquella noite, umas poucas de vezes, o caminho desde as portas até á rua das Trinas. Só tarde é que entrou em casa. A avó esperava-o. Pela primeira vez teve para ella um movimento rude. Ao outro dia foi com repugnancia para o trabalho ancioso pela noite para esperar a namorada no pouso do costume. Tão infeliz como na vespera, decidiu ir na manhã seguinte á fabrica de Santo Amaro indagar das companheiras o que era feito da sua Gertrudes. Era á hora do descanso. Os garotos

A GUITARRA DO BRAZ

corriam na rua brincando uns com os outros; os homens conversavam ás portas das tavernas onde estavam afreguezados; as mulheres, aos grupos, sentadas ao longo do passeio fronteiro á fabrica, aqueciam-se ao sol. Nos degraus das Flamengas o Braz viu a Ignez, uma rapariga com quem a Gertrudes tinha ido um domingo á festa de Santo Amaro, aproximou-se d'ella e perguntou-lhe:

– Então a Gertrudes está doente?

– Doente? Isso sim! Na terça-feira ao despedir-se de nós, da Rita e da Joanna, disse-nos: Adeus raparigas, vou ter tudo quanto me falta; nunca mais voltarei á fabrica, sejam felizes. Perguntamos-lhe se ia casar. – Sim, vou casar... e desatou a rir deitando a fugir ali pela ponte nova, que até parecia que levava o diabo no corpo.

A GUITARRA DO BRAZ

O Braz sentia fugir-lhe a vista e pallido encostou-se á parede.

– Está a caçoar! Ella era lá capaz de fazer tal.

– Tão verdade como eu estar aqui; assim Deus me ajude.

– O pae rebenta-a, contestou o Braz.

– Pae! Ora bem embaçado, pae foi coisa que nunca teve. Chegue d'aqui á rua do Machadinho, vá á carvoaria e lá lhe dirão quem mora defronte.

N'isto a sineta principiou a badalar, e o largo portão da fabrica escancarou-se para dar passagem a toda aquella gente. O Braz, mordendo os beiços, procurava represar as lagrimas que lhe humedeciam os olhos. A Ignez pegando nos restos do seu almoço, embrulhados n'um lenço, disse-lhe:

– Adeus, snr. Braz! Olhe que não vale a pena!

A GUITARRA DO BRAZ

E, juntando-se ás companheiras, apontou do portão para elle, que se deixara ficar sem saber o que havia de fazer, como um idiota, a chorar!

*

* *

A Ignez fallara verdade; a Gertrudes havia muito que não podia aturar o Braz. A sua natureza viva e esperta não comprehendia os longos silencios apaixonados do namorado. Enganava-o e agora... tinha desaparecido. Elle andava perdido como doido. Ao principio continuou a ir á fabrica, mas já não era o mesmo operario amigo de trabalhar. Tudo lhe repugnava até mesmo a companhia da avo. Caíra n'uma tristeza sombria, carrancuda e desesperante, que o levava a evitar

A GUITARRA DO BRAZ

tudo o que antes lhe era prazer e alegria. Fugia de casa para andar como um vadio encostado pelas esquinas. A avó sentia despedaçar-se-lhe o coração ao ver o seu neto tão differente do que era! Mas, como lhe queria muito, nem sequer se atrevia a fazer-lhe uma pergunta com medo de o exasperar.

– Se eu fosse cega, diria que m’o tinham trocado! – pensava a infeliz á noite deitada na cama, de ouvido á escuta, sem se mexer, a fingir que dormia, á espera do seu Braz! Elle recolhia tarde, e, as mais das vezes, já nem ia á fabrica. A figura da Gertrudes fina, esbelta e graciosa perseguia-o, apparecia-lhe constantemente desenhada na sua phantasia, boa e simples idealizada pela paixão! Tinha allucinações. Como se a tivesse deante de si, estendia os braços para a

A GUITARRA DO BRAZ

matar apertando-a contra o peito; mas ella fugia-lhe, e via-a então sumir-se lá ao longe, rindo ás gargalhadas, como no dia em que se despedira das companheiras!

Começou a beber e no vinho afogava a sua dôr. Com um grão na aza era uma risota, a alegria das tavernas. Ligou-se com um faia, e n'uma noite em que o cartaxo lhe caiu na tristeza, contou-lhe a triste historia dos seus amores.

– Hom'essa! Queres a rapariga? Anda comigo. Manda ao diabo a fabrica, apanha o bago que houver lá por casa, que eu por esta... - e fez uma cruz com os dedos que chegou á bocca, desviando para o lado, n'um movimento rapido de lingua, a ponta do cigarro – te juro que em tres dias a havemos de encontrar.

A GUITARRA DO BRAZ

O Braz deu um pulo de contente, pediu mais vinho e beberricando combinaram que n'aquella mesma madrugada principiariam a bater Lisboa. Como a taverna fechou ás onze horas da noite, passaram para o café ao lado. O *faia* excitava-o com as historias do bairro alto, do arco do Bandeira e do marquez de Alegrete. Aquillo ali, em Alcantara, era nada, comparado com tudo isso que elle conhecia a palmos. O dono do café viu-se parvo para pôr fóra os seus tardios frequezes. Ás duas da noite lá saíram depois de muito empurrados. O Braz levou o amigo até á ponte. Sentaram-se na soleira das grades da estatua de S. João.

Era d'ali, - e apontava para o lado – que eu esperava todas as noites a Gertrudes! E como se

A GUITARRA DO BRAZ

deixasse enternecer, o outro enfurecido gritou-lhe:

– Olé! Lá maricas é que me não serves. Se és um homem bem vae a cantiga. Anda, despacha-te. E' ir buscar o bago, que eu aqui te espero. Se não voltas, ámanhã te ensinarei; e de pé, deante d'elle, dando um piparote no chapéu, fazendo uma escovinha, fez com a mão direita o gesto convicente de quem espeta uma navalha.

– Está dito; se me demorar é que a avó está acordada.

– Não tem duvida; d'aqui não arredo sem ti.

Á medida que o Braz se ia aproximando de casa, dissipavam-se-lhe os vapores da excitação alcoolica; caía em si.

Quando chegou á porta, abriu-a mansamente. Ao cerral-a, pareceu-lhe que a avó se mexera na

A GUITARRA DO BRAZ

cama, voltou-se, e immovel, suspendendo a respiração, certificou-se que se enganara. Havia em volta de si um silencio completo. Quiz caminhar direito á gaveta da banca, onde sabia que estavam guardadas as economias de quinze annos de trabalho; mas, machinalmente, entrou na sua alcôva, que um simples tabique separava da da avó. Vestido como estava estendeu-se sobre a cama. Tinha mêdo. Mêdo do respirar sereno e socegado d'aquella pobre velha que tanto o estremecia! Não, decididamente não faria o que tinha prometido. Iria accordar a madrinha; desabafaria com ella; voltaria á fabrica. Que importava a Gertrudes? Mas, a este nome, acudiu-lhe a promessa que o outro lhe fizera de a tornar a vêr. Levantou-se, e cautelosamente, foi direito á banca. Com um puxão secco arrombou a gaveta,

A GUITARRA DO BRAZ

e do pé de meia, dissimulado a um canto, tirou uma mancheia de libras. De vagar, como tinha entrado, saiu de casa. Todavia os passos do neto acordaram a avó, que d'um pulo saltou abaixo da cama, cobrindo-se apressadamente com a saia, que lhe servia de cobertor, e da porta, que o Braz deixara aberta, reconheceu-o á claridade indecisa da manhã, que vinha rompendo, ainda a correr, olhando para trás como um ladrão!

Anciada, tentou chamal-o. Não pôde. As pernas fraquejaram-lhe, soltou um gemido e caiu redonda no chão, para traz, estatelada como morta. Quando voltou a si chorava amargamente e na gaiola de arame, suspensa da verga da janella, o canario repenicava a sua cantiga favorita, saudando alegremente a madrugada!

A GUITARRA DO BRAZ

*

* *

Decorreram tres annos. Durante esse tempo não houve miseria que a avó do Braz não soffresse. No meio de todas as suas desgraças só uma esperança a amparava. É que elle, mais dia, menos dia havia de voltar. Rogava a Deus que lhe desse forças para viver até então. Perdoar-lhe-hia e morreria contente, tendo-o a seu lado para lhe fechar os olhos! E n'esta esperança que uma fé profunda alimentava, aturava todos os trabalhos calando os soffrimentos da sua penosa existencia. Como o Braz não tinha levado todo o dinheiro, os primeiros mezes de abandono passaram sem maiores privações. No dia porém em que ella teve de trocar a ultima moeda de prata, pareceu-lhe que

A GUITARRA DO BRAZ

o balcão da tenda, sobre o qual o caixeiro experimentou o toque dos cinco tostões, era o unico obstaculo que a impedia de cahir n'um buraco muito fundo, que se abria deante dos seus olhos! Velha como estava difficil lhe foi encontrar trabalho. Ao cabo de muito tempo, depois de muito procurar, de ter empenhado um a um os tarecos da casa, conservando apenas do tudo quanto antes possuia, a cama do seu Braz e a enxerga em que ella agora dormia sobre o chão; depois de ter passado fome, uma caridosa familia, mais por dó, ajustou-a aos dias. Como lhe davam de comer, o pouco dinheiro que ganhava chegava-lhe á justa para pagar a renda da casa. Ella bem sabia que lhe não seria difficil encontrar uma outra mais pequena, mais barata e até mais perto das senhoras que servia; mas era tal o apêgo que tinha

A GUITARRA DO BRAZ

á casa onde sempre vivêra com o seu neto, que mesmo agora, núa como estava, despida de todos os trastes, que eram outras tantas recordações de dias bem mais felizes, lhe era uma consolação viver entre aquellas paredes, testemunhas consoladoras d'esse tempo, que um presentimento muito intimo lhe segredava se havia de repetir ainda! E com os raros cabellos já de todo brancos, cansada de trabalhos com que mal podia, magra, tão magra que a pelle encarquilhada mais parecia encobrir um esqueleto que vestir um corpo vivo, se se não deixava morrer socegradamente assim como quem adormece ao cabo d'um dia de longa fadiga, era que essa esperança nem sequer um instante a abandonava!

No entretanto o Braz, dominado pelo faia, que o levara a roubar a avó, sem nunca desesperar de

A GUITARRA DO BRAZ

encontrar a Gertrudes, foi-se pouco a pouco habituando à vida desregrada dos fadistas com que convivia. Aprendera a tocar guitarra tornando-se completo no genero, e o seu nome depressa ganhou celebridade no bairro alto, a ponto de nas tavernas e nos cafés baratos se discutir apaixonadamente se era elle se o *Calcinhas* que melhor tocava o fado corrido. Nas esperas de toiros, á noite, no Campo Pequeno, illuminado pelas luzes das lanternas das tipoias, que n'um gyro intermittente lhe davam o aspecto d'uma campina enorme, coberta de pyrilampos, era sempre em volta d'elle que se reunia a mais fina sociedade. E era d'alli que os rapazes do Chiado o levavam para as suas ceias de estroinas.

Cantava muito bem, e tinha como poucos, o dom de improvisar. Os seus fados, sempre tristes,

A GUITARRA DO BRAZ

ajustavam-se n'uma grande harmonia com o soluçar dolorido da sua guitarra. Quando tocava chegava mesmo a esquecer a Gertrudes, ou antes afigurava-se-lhe que saciava a sua paixão, e, cerrando os olhos, cuidava vê-la, ao seu lado, embebida na sua alma que lhe saía em versos, as mais das vezes errados! Era a guitarra que o consolava de todas as suas penas. Se se lembrava da avó, da vida tranquilla que passara ao seu lado, agarrava na guitarra e principiava a cantar. A's vezes, perseguido pelo remorso, tinha vontade de ir ter com a mandrinha, ou pelo menos ir até Alcantara, procurar saber o que seria feito d'ella; mas acovardava-se com medo das lagrimas da velha, e demais sentia que já não tinha forças de abandonar a vida aventureira em que se lançara. Aquillo tambem havia de durar pouco, andava

A GUITARRA DO BRAZ

adoentado e sorria-lhe a ideia de morrer um dia, de repente, no meio da fadistagem! Pouco a pouco, desprezando todas as doenças que contrahira, foi cahindo n'um grande abatimento. Emagrecera muito e sentia nas pernas uma invencivel fraqueza. Escondia dos companheiros o seu estado, e, para os acompanhar, fazia esforços terriveis.

Uma noite de grande fado no Dáfundo, quando se quiz levantar da cadeira onde toda a noite estivera a tocar, não pôde; era como se lhe pezasse sobre os joelhos o pezo de cem arrobas. Para o meterem na tipoia que o trouxe para Lisboa, foi preciso pegarem-lhe ao collo. No dia seguinte levaram-n'o para o hospital. Atacado por uma paraplégia, saiu de lá ao fim de tres mezes n'uma cadeira de rodas, que com o producto

A GUITARRA DO BRAZ

d'uma subscrição os companheiros lhe compraram. Durante todo o tempo que estive no hospital pensava muito na madrinha; e um dia em que o João, o toureiro, o foi visitar, pediu-lhe para ir saber novas d'ella. A' proporção que se julgava perdido, renasciam no seu coração todos os affectos carinhosos pela avó. Recommendeu-lhe que, se porventura falasse com ella, lhe não dissesse o estado em que se achava; mas que a prevenisse que, dentro em breve, voltaria a ir viver para junto d'ella, de onde nunca devia ter saído! acrescentava com os olhos de doente languidos e humedecidos! Quando o medico lhe annunciou que lhe ia dar alta, mandou chamar o João.

– A'manhã saio d'aqui; quero ir direito para casa da avó. Levas-me?

– Decidido.

A GUITARRA DO BRAZ

– Entrôxa a roupa que eu tiver no quarto do Carêtas, e manda-m’a hoje mesmo para Alcantara. A guitarra traz-m’a. Apenas chegue á rua quero vêr se ainda sei tocar. A caminhada é comprida; mais que a um moco de cego preciso de te distrair. Irei a tocar por essa baixa fóra!

– Dentro em pouco estarás fino; a tua doença agora é o hospital. Fóra d’aqui, verás como as pernas te principiam a dançar.

.....

A avó esperava anciosamente o neto. O João, ao anunciar-lhe a sua vinda, escondera-lhe a gravidade da doença.

– Uma fraqueza nas pernas, que ha-de passar; é questão de dias.

A GUITARRA DO BRAZ

Tambem que lhe importava a ella; ia vel-o, e isso era o essencial; não andava – melhor! Nunca mais lhe fugiria!

Quando porém elle entrou, sentado na cadeira de rodas, impellida pelo *toureiro*, transfigurado pela doença, pallido, com a cara coberta de pustulas, um bigodinho petuamente levantado dos lados; o cabello muito rareado, todo puxado para diante, apparecendo por debaixo do chapéu inclinado para o lado, de aba direita e muito larga com a copa muito baixa; a quinzena muito esticada e curta; as calças apertadas abrindo em baixo em bôcca de sino; abraçado á sua guitarra, a avó sentiu um baque no coração. – Como elle mudara! Nem parecia o mesmo. – Diante do *toureiro* conteve-se; mas, apenas elle saiu, caiu de joelhos em frente da cadeira de rodas, e

A GUITARRA DO BRAZ

agarrando-se ás mãos do neto principiou a fazer-lhe mil perguntas sem nem sequer dar tempo a ouvir uma resposta. O Braz socegava-a – que nunca mais voltaria a abandonal-a. E, informado do novo modo de vida que a madrinha agora levava, acrescentou:

– Emquanto me não curo, aqui estarei mettido. Depois tambem hei-de trabalhar.

– Ficas tão só! Eu passo todos os dias fóra, em casa das minhas bemfeitoras.

– Tenho a minha guitarra; cantarei ao desafio com o canario.

– O canario?... – e a velha apontou, olhando com tristeza para a gaiola de arame, ainda suspensa da verga da janella, mas que uma enorme teia de aranha, muito suja de poeira

A GUITARRA DO BRAZ

envolvia agora assim como um fumo de luto com que a tivessem coberto!

*

* *

Nas visitas que o *toureiro* fazia ao Braz, facilmente foi conhecer que não era a abundancia e a fartura o que mais havia n'aquella casa. Arranjou então que elle fôsse ás noites tocar para uma taverna da rua de Alexandre Herculano, para servir de chamariz aos freguezes. O taverneiro fornecia-lhe em paga o almoço e o jantar de cada dia. Ao principio era a propria avó quem, ao recolher do trabalho, o conduzia até lá. Curvada, já meio tropega, tinha de parar de quando em quando para vencer as desigualdades da calçada, para evitar os

A GUITARRA DO BRAZ

solavancos, impellindo a cadeira de rodas docemente, como se levasse deante de si um carrinho com uma creança adormecida! O Braz affligia-se, sentindo atraz de si a respiração offegante da avó; conhecia o horror que ella tinha á taverna, o sacrificio que fazia em ser ella propria quem lá o levava; mas que fazer, se a taverna era agora o seu ganha pão! Felizmente o taverneiro, descobrindo na guitarra do Braz uma verdadeira mina para a sua casa, acabou por o mandar buscar todas as noites por um garoto que o servia. A doença se não progredia tambem não dava esperanças de cura. Todavia o Braz de cada vez tocava melhor; dir-se-ia que toda a força, todo o movimento que a paralyisia lhe roubára, se lhe concentrára nos braços e nas mãos. Comprimia e feria as cordas da sua querida guitarra com tal força e justeza, que as notas

A GUITARRA DO BRAZ

saltavam-lhe dos dedos vibrantes de nitidez. As horas passadas na taverna alegravam-n'o, sem contudo conseguirem roubar ao seu canto a feição melancolica que lhe era predominante. Quando a taverna regorgitava de freguezes, e se armava uma desordem, o taverneiro, pela banda de traz do balcão, fazia um signal ao Braz para apasiguar a baralha. Então, acompanhando-se na guitarra, o Braz levantava a sua voz dolente; e, pouco a pouco, como por encanto, ao borborinho tumultuoso de muitas vozes fallando a um tempo, succedia o silencio de quem escuta. Em volta d'elle fazia-se um circulo que os mais affastados procuravam romper para melhor o ouvir. Serenada a tempestade, calava o canto; e, com a cabeça pendida sobre o braço da guitarra, executava ainda durante alguns minutos variações d'uma grande difficuldade sobre

A GUITARRA DO BRAZ

o mesmo acompanhamento. Uma noite em que elle, muito rodeado, cantava a glosa do seu fado favorito:

Ainda depois de enterrado
Debaixo do frio chão,
Teu nome escripto acharás
No meu terno coração.

dando a cada verso a expressão da mais infinda tristeza, entrou na taverna uma mulher calçada com botas novas, de biqueiras de polimento, pospontadas a branco, com tacões muito altos, arrastando a comprida cauda d'um vestido esfarrapado, com um lenço de seda amarello, já muito desbotado, na cabeça, um chaile preto, de velho merino, traçado por debaixo do braço, deixando a descoberto o seio, mal resguardado pela camisa. Dirigiu-se ao balcão, e, batendo fortemente com a mão espalmada, pediu

A GUITARRA DO BRAZ

dois decilitros, que bebeu d'um só trago. O Braz em voz gemente, acabava a ultima decima:

.....

Porque a morte, nem o fado

Riscam teu nome gravado

No meu terno coração!

quando os seus olhos, marejados pela comoção que sempre sentia ao repetir aquelle fado, se encontraram com os d'essa mulher que o fitava indifferente.

Angustiado, abafou com ambas as mãos as vibrações das cordas, fez um esforço enorme para se levantar da cadeira a que a doença o prendia; e, impotente, soltou um grito dilacerante, ao mesmo tempo que fazia voar em estilhas a guitarra,

A GUITARRA DO BRAZ

quebrando-a de encontro ao braço da sua cadeira de rodas!

Levantou-se em toda a taverna um grande clamor. O taverneiro, vendo o Braz meio desfallecido, desviou os freguezes:

– Arrumem-se homens; deixem-no respirar. Isto foi coisa que lhe deu. E chegava-lhe ao nariz uma botija de vinagre.

E ella, a Gertrudes, sem reconhecer no fadista estropeado o seu namorado de outro tempo, teve apenas esta exclamação:

– Olha o raio do homem que deu cabo da sanfona!

E saiu insensível, tomando pela borda do caneiro, em cujas aguas se reflectia a sua imagem, repetindo n'uma toada alegre os versos que lhe tinham ficado:

A GUITARRA DO BRAZ

Porque a morte, nem o fado
Riscam teu nome gravado
No meu terno coração!

A lua enchia de claridade o valle, recortando lá em cima, no cume da montanha, os jazigos e os cyprestes dos *Prazeres*. Do fundo lodoso do caneiro, prateado áquella hora, subiam vapores fetidos, pestilentes, nauseabundos, como se realmente as aguas do rio, em lugar de contornar lá ao longe a montanha coroada pelo cemiterio, tivessem as suas nascentes ali, na decomposição dos cadaveres d'uma cidade inteira!

A GUITARRA DO BRAZ

ISBN: 978-1-387-47627-5